

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Ciência da Informação - FCI
Curso de Graduação em Biblioteconomia

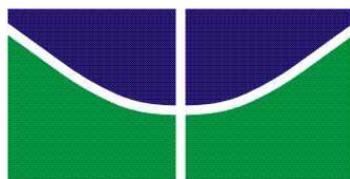
**DOCUMENTO IMAGÉTICO: IMPORTÂNCIA NA TRANSMISSÃO DA
INFORMAÇÃO E PECULIARIDADES NO PROCESSO DESCRITIVO**

Isabel Regina Barbalho Gonçalves

Juliana de Assis Mendes

Brasília

2012



ISABEL REGINA BARBALHO GONÇALVES

JULIANA DE ASSIS MENDES

DOCUMENTO IMAGÉTICO:

**IMPORTÂNCIA NA TRANSMISSÃO DA INFORMAÇÃO E PECULIARIDADES NO
PROCESSO DESCRITIVO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilza Leite de Azevedo Santos Lopes

Brasília

2012

Gonçalves, Isabel Regina Barbalho, 1988-.

Documento imagético: importância na transmissão da informação e peculiaridades no processo descritivo/ Isabel Regina Barbalho Gonçalves; Juliana de Assis Mendes. – Brasília: FCI/UnB, 2012.

62 p. , il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilza Leite de Azevedo Santos Lopes.

Monografia (Graduação) – Universidade de Brasília/ FCI, Brasília, 2012.

1. Documento imagético 2. Tratamento da informação 3. Descrição bibliográfica 4. Recuperação da informação 5. Fotografia 6. Transmissão da informação I. Título

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por nos dar a vida, por renovar as nossas forças a cada dia, por ser o nosso melhor amigo em qualquer circunstância e por ter nos capacitado para o desenvolvimento desse trabalho. Em segundo lugar, agradecemos a nossos pais por terem nos apoiado e nos motivado não só nesse momento, mas durante toda a nossa vida. Agradecemos a cada um dos professores que contribuiu com o nosso crescimento como profissionais, em especial à professora Ilza Leite Lopes por ter nos acompanhado durante todo o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso e ter dado todo o apoio que precisávamos para que o trabalho fosse concluído. Agradecemos também a Kátia Soares Braga, que nos incentivou, encorajando-nos a prosseguir com o estudo de caso na Câmara dos Deputados e nos ajudou a colher os dados que precisávamos para este estudo.

RESUMO

Aborda a importância do documento imagético como meio de transmissão de informação para o desenvolvimento do nível de conhecimento da sociedade como um todo, as peculiaridades no seu processo descritivo e o modo diferenciado do processo de busca por documentos desta natureza. Foi realizado um estudo de caso na Câmara dos Deputados para investigar a transmissão de informação através da fotografia e a forma de descrição desse tipo de documento na Casa. Posteriormente comparou-se tais processos com a forma recomendada pela literatura especializada.

Palavras-chave: Tratamento da informação. Documento imagético. Descrição bibliográfica. Recuperação da informação. Fotografia. Transmissão da informação.

ABSTRACT

Discusses the imaged document importance as a means of transmission information for the development of the knowledge level of society as a whole, the peculiarities in the description process and so differentiated from the process of searching such documents. Was realized a case study in Câmara dos Deputados to investigate the transmission of information through the photography and description of this type of document in there. Later these processes were compared with the form recommended by the specialized literature.

Keywords: Data processing. Document Imaging. Description literature. information retrieval. Photography. Transmission information.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura Administrativa da Câmara dos Deputados	48
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Referente à questão 1	54
Gráfico 2 - Referente à questão 2	55
Gráfico 3 - Referente à questão 3	56
Gráfico 4 - Referente à questão 4	57
Gráfico 5 - Referente à questão 5	58
Gráfico 6 - Referente à questão 6	59
Gráfico 7 - Referente à questão 7	60
Gráfico 8 - Referente à questão 8	61
Gráfico 9 - Referente à questão 9	62
Gráfico 10 - Referente à questão 10	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comportamento de busca – Modelo de Kuhlthau	35
Tabela 2 – Comportamento de busca – Modelo de Ellis	37
Tabela 3 – Tipos de documentos do Arquivo da Câmara dos Deputados	50
Tabela 4 – Fluxo fotográfico	52

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BI: Banco de Imagens da Câmara dos Deputados

CD: *Compact Disc*

CEDI: Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados

COARQ: Coordenação de Arquivo da Câmara dos Deputados

CPI: Comissão Parlamentar de Inquérito

FCI – UnB: Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília

FE– UnB: Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

ISP: *Information Search Process*, modelo desenvolvido por Kuhlthau

SEDAU: Setor de Documentos Audiovisuais da Câmara dos Deputados

SEFOT: Setor Fotográfico da Câmara dos Deputados

SELID: Setor de Linguagens Documentárias da Câmara dos Deputados

TECAD: Tesouro da Câmara dos Deputados

VHS: *Video Home System*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	Objetivos	2
1.1.1	Objetivo geral	2
1.1.2	Objetivos específicos	2
1.2	Justificativa	2
2	REVISÃO DE LITERATURA	3
2.1	Ciência da Informação e a importância da transmissão da informação na construção de conhecimento	4
2.1.1	Documento imagético: Conceitos e importância na transmissão de informação e conhecimento	7
2.1.2	Imagem e aprendizado	13
2.1.3	A utilização da imagem na publicidade	18
2.1.4	Fotografia: conceitos e história	20
2.2	Comportamento de busca por informação	23
2.2.1	Comportamento de busca segundo o modelo de Kuhlthau	25
2.2.2	Comportamento de busca segundo o modelo de Ellis	27
2.3	Fotografia: dificuldades na descrição	29
3	METODOLOGIA	37
4	ESTUDO DE CASO	38
4.1	A Câmara dos Deputados	38
4.1.1	Centro de Documentação e Informação (CEDI)	39
4.1.2	O Setor Fotográfico (SEFOT)	42
5	Análise dos dados	44
6	CONCLUSÕES	55
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por finalidade analisar as peculiaridades características do documento imagético, sob a ótica da Ciência da Informação, e a organização deste tipo de documento na Câmara dos Deputados. Ressalta-se também a importância da imagem na formação cognitiva e construção do conhecimento, evidenciada no processo de transmissão da informação.

A Ciência da Informação tem como objeto de estudo toda informação registrada em qualquer suporte físico e os meios de se organizar, recuperar e transmitir essa informação.

A transmissão da informação pode ser feita de várias formas e utilizando diversos métodos e estratégias para que esta seja assimilada pelo usuário e provoque um desenvolvimento na sua estrutura cognitiva. Entre essas formas, encontra-se a transmissão da informação através de documentos imagéticos.

O comportamento de busca e seu conceito, a imagem estática e as dificuldades encontradas no processo de busca por algum documento imagético constituem pontos importantes a serem revisados, porém a noção de imagem vinculou-se estritamente à representação visual e o estudo não abrangeu a busca por imagens em movimento e esculturas.

Diante da complexidade das dimensões semânticas desse universo imagético, houve interesse em identificar os problemas detectados na busca por imagens visuais.

As expectativas giram em torno das dificuldades em recuperar documentos imagéticos em contraposição ao chamado documento tradicional, pois estes apresentam certas peculiaridades que acabam por travar o êxito nos resultados caso não seja feita uma pesquisa com os termos adequados.

Esse trabalho pretende demonstrar a importância desses documentos na transmissão da informação, suas várias formas de apresentação, sua eficácia no que diz respeito ao processo de assimilação do conteúdo pelo receptor, com ênfase

no processo educacional e as dificuldades de descrição e recuperação deste tipo de documento.

O estudo de caso será feito a partir de observações do padrão de processos descritivos realizados no Setor Fotográfico da Câmara dos Deputados.

1.1 Objetivos

O presente estudo tem por objetivos:

1.1.1 Objetivo geral

Investigar a transmissão de informação através da fotografia e comparar a forma de descrição desse tipo de documento utilizada pela Câmara dos Deputados com a forma recomendada pela literatura especializada.

1.1.2 Objetivos específicos

OE1. Identificar as diversas formas de influência da imagem sobre as pessoas no cotidiano;

OE2. Analisar as etapas do processo de indexação de fotografias nos setores da Câmara dos Deputados;

OE3. Examinar o sistema de indexação de fotografias utilizado no Setor Fotográfico (SEFOT) da Câmara dos Deputados.

1.2 Justificativa

A questão motivadora para elaborar uma monografia acerca do já citado tema foi o grande interesse em abordar o documento imagético, justamente por se tratar de um tipo de documento que o difere dos outros numa Biblioteca. A interpretação

da imagem se dá de modo bem peculiar, pois a imagem é polissêmica e depende muito do contexto de produção imagética.

Esse interesse foi despertado durante as aulas de Leitura e Produção da Imagem, ministradas na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, FE – UnB, e facilitado devido às aulas de Organização do Trabalho Intelectual, ministradas na Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, FCI – UnB.

Outra questão motivadora foi a priorização do documento textual em relação ao documento imagético e o não reconhecimento da sua importância para o aprendizado e assimilação de conteúdos. Percebe-se que a imagem é muito valorizada no ensino infantil, seja na fase do maternal ou no processo de alfabetização, mas aos poucos, vai sendo substituída por elementos textuais com o avançar dos anos escolares. Isso faz com que a capacidade de interpretação imagética não se desenvolva tanto quanto poderia. Dizer isso não implica que não há ou há pouco contato com imagens no cotidiano, pelo contrário, estamos em contato com elas o tempo todo, sempre sendo bombardeados pelos meios de comunicação, publicidade e propaganda. Porém, pelo fato de haver muito contato ou até pelo ritmo de vida que levamos atualmente, passamos os olhos pelas imagens que estão a nossa volta e raramente prestamos atenção no que elas realmente querem nos dizer. Quando as interpretamos, o fazemos muito superficialmente, mas se fôssemos acostumados e treinados a interpretar as imagens, o faríamos com certa naturalidade e com mais profundidade.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão de literatura utilizou as seguintes fontes de informação:

- A MARgem - Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Letras e Artes <<http://www.mel.ileel.ufu.br/pet/amargem/>>
- Arquivo Virtual de Estudos de Comunicação e Saúde - Projeto Radix <<http://www.projektoradix.com.br/>>

- Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo – USP < <http://www.teses.usp.br/>>
- DataGramZero - Revista de Ciência da Informação <<http://www.dgz.org.br/>>
- Periódicos UFSC < <http://www.periodicos.ufsc.br/>>
- Portal da Associação de Arquivologia do Estado de Goiás
- Portal da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro _ PUC – Rio. < <http://www.puc-rio.br/index.html>>
- Portal da Universidade Estadual de Londrina <<http://www.uel.br>>
- Portal da Secretaria de Educação do Paraná <<http://www.educacao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=87>>
- Portal do Instituto das Artes da Universidade Estadual de Campinas _ IAR – Unicamp < <http://www.iar.unicamp.br/>>
- Portal Intercom <<http://www.portalintercom.org.br/>>
- Programa de pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba - PPGCI/UFPB <<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/>>
- Repositório Institucional da Universidade de Brasília – RIUnB <<http://repositorio.bce.unb.br/>>
- Revista Ciência da Informação < <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf>>
- Revista Emquestão < <http://www6.ufrgs.br/emquestao/>>
- Revista Paralelo 33 < <http://www.paralelo33.com/>>
- Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas - Portal de Periódicos UEPG <<http://www.periodicos.uepg.br/>>
- Scielo < <http://www.scielo.org/php/index.php>>
- Scribd <<http://pt.scribd.com/doc/43725919/O-que-e-e-como-funciona-o-Scribd-com>>
- II Encontro Anual Ciências e Cognição <<http://www.cienciasecognicao.org/>>
- VIII ENANCIB < <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/>>

2.1 Ciência da Informação e a importância da transmissão da informação na construção de conhecimento

Para Belkin e Robertson (apud FREIRE, 1994), a informação é algo que pode transformar estruturas. Nesse caso, os autores deixam os conceitos gerais de informação para verificar seu conceito a partir da idéia de estruturas em transformação. O termo estrutura é dado como uma forma geral de organização. O texto é um conjunto de signos organizados por alguém que decide transferir a informação com a intenção de mudar a estrutura mental de um receptor. E

informação é a estrutura de qualquer texto que tem a capacidade de modificar a estrutura mental de um receptor.

Segundo Le Coadic (1996, p.5), a informação é um conhecimento inscrito sob a forma escrita, oral e audiovisual; é uma mensagem inscrita em algum suporte.

Freire utiliza a premissa de Wersig para expor o efeito que a informação tem sobre o comportamento do indivíduo, a qual afirma que o comportamento racional, em todos os sentidos de racional, necessita de conhecimento e que a informação se define como conhecimento para ação.

Segundo Le Coadic (1996, p.9), cada indivíduo se encontra em um estado de conhecimento, o qual é representado por um conjunto de idéias e conceitos interligados, que mostram a forma como percebemos o mundo. À medida que o indivíduo vai identificando deficiências em seu estado de conhecimento, ele busca novas informações para que essa deficiência seja corrigida.

Para Barreto (2007), a maneira de se transmitir uma determinada informação é essencial para que esta seja devidamente assimilada e para que haja a apropriação de um novo conhecimento. Se a informação casar com o conhecimento prévio do receptor e for devidamente assimilada, transformará o saber do indivíduo e permitirá assim, seu desenvolvimento cognitivo. De acordo com Freire (1994, p.164):

No processo de comunicação, a informação contida em um texto organizado para transformar as estruturas informacionais de um receptor, interage com essas estruturas no sentido de fazê-lo compreender, de forma coerente e adequada, a mensagem que lhe está sendo enviada. Recebendo a mensagem e apreendendo o máximo possível do seu sentido original, o receptor reage a essa informação transformando sua estrutura de conhecimento e organizando sua própria informação com o objetivo de promover mudanças nas estruturas informacionais do antigo emissor/novo receptor, realimentando o processo de comunicação.

Vê-se assim, que para que a informação tenha valor, não basta somente que sua forma de transmissão e administração seja bem elaborada, o mais importante é que o receptor assimile essa informação. O conteúdo transmitido deve seguir uma linha compatível com a capacidade de interpretação do receptor.

“A essência do fenômeno da informação se efetiva entre o emissor e o receptor, quando acontece uma transferência e apropriação de um conhecimento. Assim, adequadamente assimilada, a informação, modifica o estoque mental de saber do indivíduo e traz benefícios para o seu desenvolvimento pessoal e da sociedade em que ele vive.” (BARRETO, 2007, p.1).

Convém ressaltar que esse desenvolvimento da sociedade a partir do desenvolvimento cognitivo do indivíduo, só será possível se este decidir compartilhar seu conhecimento; se este decidir comunicá-lo a alguém ou disponibilizá-lo em algum suporte físico.

Segundo Maimone e Tálamo (2008), o conhecimento só é gerado quando há a disponibilidade de informações importantes que sejam apropriadas para o usuário. A informação interfere na criação do saber individual, transformando e desenvolvendo conseqüentemente, a sociedade. O problema relacionado à informação girará em torno da tipologia de sua estrutura e na interferência dessa estrutura na produção do conhecimento. Sendo geradora de conhecimento, a informação pode ser encontrada em diferentes formatos, variando quanto a sua forma de transmissão.

Freire (1994) afirma que os grupos que desenvolvem atividades intelectuais na sociedade necessitam de informação para desenvolverem tais atividades que contribuem com a criação da riqueza social. Esses desejam ter acesso ao conhecimento visando a eficiência de suas atividades produtivas com a transformação das visões tradicionais do mundo.

A partir da opinião dos autores estudados, conclui-se que a Ciência da informação é aquela que estuda cada processo ligado à informação registrada, desde sua produção, até a transmissão desta, cuidando tanto de aspectos teóricos quanto práticos. “A Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam o fluxo da informação e os meios de processamento da informação para a sua ótima acessibilidade e usabilidade.” (BORKO apud CALDAS, s.d., p.2).

Para Saracevic (apud RODRIGUES, 2010, p.18):

A ciência da informação é um campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas de efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação. No tratamento destas questões são consideradas de particular interesse as vantagens das modernas tecnologias informacionais.

Segundo Freire (1994, p. 165), a perspectiva da ciência da informação é a de compartilhar seu objeto de estudo com as outras áreas do conhecimento. Para ela, no interesse do campo de atuação da ciência da informação, a própria informação, sendo fenômeno da comunicação humana e a forma adequada de expressão do conhecimento - que será interpretado por um receptor, modificando a sua estrutura de conhecimento do mundo - é quem atrai e organiza todos os diversos conceitos científicos.

Ainda de acordo com Freire (1994), as variáveis a serem inicialmente consideradas no estudo realizado pela Ciência da informação são: a informação como forma coerente de transmissão de conhecimento que tem como objetivo atender às necessidades da produção social; a comunicação como forma de transferência de conhecimento para a ação; o processo de produção social que colaborará com o desenvolvimento da sociedade como um todo; o desenvolvimento do máximo de consciência possível (nível de permeabilidade da consciência, que permitirá ou não a absorção de novas informações) na sociedade e as estratégias possíveis.

2.1.1 Documento imagético: Conceitos e importância na transmissão de informação e conhecimento

Segundo Ferreira (apud COSTA; ORRICO 2009), a linguagem é elemento fundamental para o desenvolvimento do ser humano, pois ele se comunica através de discursos. É a partir dela que são formadas as relações existentes entre os seres humanos.

De acordo com as idéias de Barreto (2007), Maimone e Tálamo (2008), a informação pode ser representada de várias maneiras e por vários tipos de linguagem, desde a linguagem escrita até a linguagem falada ou imagética. A Ciência da Informação estuda os processos de produção, organização, recuperação e disseminação da informação, bem como a sua forma de ser representada. Vê-se dessa forma, que a Ciência da Informação deve estar constantemente preocupada com as formas de tratamento da informação para que ela seja devidamente transferida e absorvida.

Para Manini (2009), os profissionais da informação devem se preocupar com o desenvolvimento das formas de comunicação, onde o visual, a cada dia, vem se destacando. Eles precisam observar o visual com olhos informacionais; saber visualizar a imagem e interpretá-la. Para a visualização intensa de uma determinada imagem, a pessoa deve ter uma intensa aprendizagem visual documentária.

Segundo Netto, Freire e Pereira (2004), um documento imagético caracteriza-se por ser uma imagem registrada, podendo tomar a forma de uma pintura, uma fotografia, uma gravura, uma escultura, um vídeo, um filme, um afresco, uma iluminura, uma ilustração decorativa ou um desenho.

Segundo Rodrigues (apud RODRIGUES, 2010, p.23), a imagem vem do latim *imago*, que quer dizer representação visual dos diversos objetos, seres e conceitos existentes, construída pelo homem. Esta representação pode ser concreta, quando manifestada por meio dos suportes físicos palpáveis e visíveis, ou abstrata, quando faz parte do arquivo mental do indivíduo.

“As imagens possuem um código visual próprio que revelam um conteúdo; este conteúdo deve ser tratado de modo a obter uma representação informacional - através da linguagem verbal.” (MAIMONE; TÁLAMO, 2008). Observa-se que as imagens representam um riquíssimo meio cognitivo ou recurso onde se edifica o conhecimento. Assim como a linguagem falada é o objeto de estudo da Lingüística, e a escrita é o objeto de estudo da Gramática, as imagens são os objetos de estudo da Linguagem Visual.

Pinto e Meunier (apud PINTO, 2008a) destacam a relevância e intimidade que temos com as imagens hoje em dia da seguinte maneira:

“[...] a importância dos documentos imagéticos na sociedade contemporânea é tão grande, que não podemos explicar, compreender, ou nos reportar a certos assuntos sem o testemunho das imagens. É o caso de algumas doenças, da fome no mundo, dos assaltos e roubos, das mudanças da biosfera, da violência urbana, da degradação do meio ambiente, e das conseqüências das guerras em grande parte do Planeta.”

Dondis (2003) expõe que a educação normalmente é mais voltada para as letras e documentos textuais e as imagens deixaram de ser utilizadas como um meio de se educar. Esse apego a documentos textuais não tem estimulado a sociedade a desenvolver seu lado criativo e expressivo. Quando criança, o ser humano tem a capacidade de desenvolver o aprendizado relacionado às imagens ao mesmo tempo em que desenvolve o da fala. A imagem normalmente funciona como complemento no aprendizado da linguagem. Observa-se que culturalmente, somos impelidos a dar mais importância ao conhecimento registrado em suportes onde reina a escrita e deixamos de lado o valor que tem o conhecimento que podemos construir através da linguagem visual. Esta apenas serve de auxílio, quando estamos iniciando nossas atividades escolares, onde é considerado mais fácil entender os novos conceitos através de desenhos ou outro tipo de imagens.

Pode-se educar o olhar pelas palavras, é possível exercitar a visão através de um bom poema, mas ainda sim as palavras constituem um meio de expressão diferente da linguagem imagística. O inconsciente que funciona por imagens, se permite a associação, que a consciência, que escolhe as palavras, não possibilita. (MENEZES, s.d.).

Rodrigues (2010, p.22) afirma que a imagem pode ter diferentes significados e que muitos deles, dependerão do contexto que esta estiver inserida. Esses significados podem ser classificados como denotativos ou conotativos. Os denotativos são os significados mais precisos; que se referem àquilo que a imagem representa no sentido real, desconsiderando qualquer forma de interpretação. Já os conotativos estão ligados à representação da imagem num sentido mais figurado, considerando contextos e interpretações.

Se a capacidade que o ser humano tem de interpretação e aprendizado não for iniciada até certa idade, este ficará estagnado, tornando a compreensão da imagem pelo indivíduo, limitada. Barthes (apud COSTA; ORRICO 2009) recorda que para um indivíduo “reconhecer” uma imagem é necessário que exista um “saber-cultural” no sujeito, uma espécie de memória-imagética, embora isso possa ocorrer em níveis de complexidade bastante variados.

Se as estratégias que circulam entre os elementos verbais ainda passam despercebidas pelos leitores, é provável que ainda mais discretos sejam os elementos de persuasão que estão imbricados nos elementos não-verbais, mais especificamente, nas imagens. Isso porque o ser humano é alfabetizado para ler textos escritos, e posteriormente, interpretá-los, mas com relação aos textos não-verbais não existe a exigência de alfabetizado, acreditando-se que a interpretação desses deva ocorrer de forma natural, sem interpretações e sem questionamentos. (PETERMANN, 2006)

Menezes (s.d.) afirma que grande parte dos homens perdeu um pouco da sua capacidade perceptiva, e esse estado só pode ser modificado através da reformulação e assimilação de alguns conceitos básicos ligados a interpretação da imagem, que foram deixados para trás com o passar do tempo.

A imagem oferece uma grande quantidade de informação de forma livre, dinâmica e prática, podendo muitas vezes, expressar de maneira melhor uma determinada informação do que um documento que possui a escrita como forma de linguagem. Algumas pessoas têm maior sensibilidade para a interpretação de imagens do que para a escrita.

Segundo Aumont (apud MENEZES, s.d.) o homem, capaz de observar tudo o que está ao seu redor desde seu nascimento, em grande parte da sua vida utilizou imagens para satisfazer suas necessidades e as necessidades da sociedade, procurando explorar os métodos que envolvem a sua composição.

De acordo com Palhares (2008), os documentos imagéticos têm se mostrado cada vez mais presentes no nosso dia-a-dia, principalmente com o desenvolvimento de novas tecnologias, em que grande parte das informações se encontra em formato imagético, mostrando assim, sua importância no meio social. Podemos observar isso principalmente no meio da juventude que tem se mostrado cada vez mais envolvida com essas novas tecnologias, com o costume de expressarem, através de imagens desenvolvidas por eles, alguma idéia ou pensamento. Diante disso, convém lembrar

que iremos nos deparar com imagens sempre, várias vezes ao longo do dia: quando entramos na internet, quando andamos pelas ruas, quando ligamos a TV, etc. Não importa em que lugar estamos ou o que estamos fazendo, sempre uma quantidade considerável de informações transmitidas através de imagens será absorvida por nós todos os dias.

Aumont (apud LOPES, s.d.) mostra que no meio de tanta informação imagética, deveria ser desenvolvida uma nova forma de relação com as imagens que rebatesse essa explosão de informações visuais na sociedade moderna, pois devido a esse grande número de imagens e informações transmitidas de uma só vez, o indivíduo acaba não percebendo certas informações que diferenciam uma imagem da outra e às vezes deixa até de notar certas imagens.

Assim como qualquer outro documento, a imagem contém informações que precisam ser organizadas, tratadas, recuperadas e disseminadas com o fim de construir o conhecimento na sociedade. Para Maimone e Tálamo (2008) é necessário que haja uma preocupação com a criação e desenvolvimento de técnicas para o tratamento da informação contida numa composição visual, pois para expressar tal informação, deve-se levar em consideração seu contexto, os códigos artísticos, o papel que a imagem tem na expressão de determinado conceito e as diferentes formas de percepção humana. Deve-se buscar sempre fazer uma associação entre o conteúdo que a imagem pode transmitir e a forma que esta será apresentada para as pessoas. A informação só possui algum valor a partir do momento que ela pode ser devidamente representada, recuperada e assimilada.

Intrinsecamente às obras, projetam-se os códigos artísticos, os quais podem ser empregados para a análise das características simbólicas, proporcionando informações relevantes para a análise e interpretação das imagens. Ainda sob o caráter comunicativo, evidencia-se o processo de transferência do conhecimento em que é necessário reconhecer o discurso do texto artístico, sua intencionalidade e também os contextos de emissão e recepção das mensagens, supondo que o artista tenda a transcender a imaginação dos usuários, através da expressividade das imagens, de seus elementos e das relações que mantém entre eles no discurso estético – manifestando implícita ou explicitamente. (MAIMONE; TÁLAMO, 2008).

O reconhecimento das informações contidas nas manifestações visuais e a sua interpretação são duas atividades que se complementam. E para que haja esse reconhecimento, a pessoa já deve ter consigo uma bagagem de aprendizado

relacionado à interpretação da imagem. Esse aprendizado deve ocorrer de forma natural na nossa cultura por exercer papel tão importante no nosso meio social.

Tendo como base a citação acima, o tratamento da informação imagética tem papel fundamental no processo de recuperação da informação, pois cada imagem representa e comunica algo a partir do momento em que esta é visualizada por alguém. A imagem em seus diversos aspectos é tratada pelos códigos artísticos. O código espacial é o que trata do conjunto de elementos que permitem representar através de uma manifestação visual, em uma superfície bidimensional plana, de forma figurada, a proporção de espaço e os formatos artísticos representados.

Dondis (2003) afirma que a composição da imagem é o principal processo que influenciará a percepção visual. O objetivo da manifestação visual dependerá diretamente do resultado de uma composição. A forma adequada de se produzir uma composição de maneira que ela seja completamente compreendida pelo observador é verificar quais são as formas de percepção do homem.

Na criação de mensagens visuais, o significado não se encontra apenas nos efeitos cumulativos da disposição dos elementos básicos, mas também no mecanismo perceptivo universalmente compartilhado pelo organismo humano. (DONDIS, 2003, p. 30)

Diante disso, vê-se que o significado das composições visuais não está somente na forma a qual os elementos da composição se dispõem, mas também no processo da percepção humana universal, que interpreta a informação segundo uma análise subjetiva. O ambiente da informação visual, a mensagem que se deseja transmitir a partir de determinada representação e sua funcionalidade andam juntos na composição da significação visual.

Os componentes imagéticos estão sempre expressando diferentes conceitos e diversas vezes os leitores não conseguem interpretá-las.

Segundo Dondis (2003), a teoria de Gestalt teve uma grande colaboração nos estudos da percepção humana de informações visuais. Sua teoria explica que para que algo seja visto e compreendido por alguém é necessário que a pessoa compreenda que aquele sistema visual é formado por várias partes individuais e independentes que se interagem, possibilitando a formação do todo da imagem.

2.1.2 Imagem e aprendizado

A imagem tem sido utilizada no processo de ensino-aprendizagem segundo as idéias dos autores Araújo e Costa (2008), Guimarães (2005), Freitas Filho (2007), Novak e Cañas (2010).

2.1.2.1 Literatura infantil e as histórias em quadrinhos

“A História em Quadrinhos é a forma de expressão artística que tenta representar um movimento através do registro de imagens estáticas.” (GUIMARÃES, 2005, pg.2)

Segundo Costa e Orrico (2009), desde os tempos primitivos, os desenhos e histórias em quadrinho, já faziam parte do cotidiano do homem, em suas manifestações visuais expressas nas cavernas.

Para Guimarães (2005), nos desenhos primitivos, encontram-se representações tanto de formas humanas e de animais apenas, sendo estes caracterizados como Retrato, quanto narrações de histórias e eventos, sendo estes caracterizados como História em Quadrinhos. A idéia da utilização de imagens não abstratas, destacando-se a História em Quadrinhos, é muito valorizada desde os primórdios até mesmo quando foi iniciado o processo da escrita, onde só uma pequena parte da população era alfabetizada. Por isso, vê-se que a utilização da história em quadrinhos, é uma forma de comunicação universal muito antiga e tem sido largamente utilizada.

Ainda segundo Guimarães (2005), por volta do século XIX, os elementos de linguagem da História em Quadrinhos foram definidos de forma mais clara, diante do desenvolvimento da imprensa, com as várias técnicas de reprodução de imagens que foram surgindo. A história em quadrinhos passou a ser representada dentro de um retângulo com a interação de imagens e textos colocados em balões para representar as falas dos personagens, tornando as histórias mais dinâmicas. Mesmo com esta mudança dos códigos da linguagem da História em Quadrinhos, a idéia de que esta é uma forma de expressão compreensível por todos continuou valendo.

É importante ressaltar que o texto constituído por duas semióticas – linguagem verbal e visual – apela não apenas para a concepção da abordagem cognitiva da linguagem, mas também para um processamento mais amplo. O interlocutor precisa acessar outros conhecimentos que a língua apenas não consegue abarcar: aqueles representados pela linguagem pictórica. A orientação parte da superestrutura, quase sempre aparece no primeiro quadro, atuando cooperativamente para que isso aconteça, ou seja, é pelo traço que nos orientamos em direção aos acontecimentos da narrativa. (NEPOMUCENO apud ARAÚJO; COSTA, 2008).

A partir da citação acima, percebe-se que o contato do indivíduo com os quadrinhos permite o contato com vários sistemas de linguagem juntos e que se complementam. Segundo Santos e Silva (s.d.), a partir da junção da linguagem escrita e visual, as histórias em quadrinhos espalharam-se, oferecendo ao leitor recursos de linguagem e de imagem diferentes dos que normalmente se encontram nas outras formas de narração.

De acordo com Araújo, E. Costa e M. Costa (2008), a linguagem que chama atenção no primeiro momento é a imagética e depois, a textual, que complementarmente a imagética com sua gramática e sintaxe. Dessa forma, a interpretação da linguagem na história em quadrinhos é um processo que exige um esforço do intelecto, pois a pessoa precisa perceber a imagem e fazer sua interpretação, relacionando-a com o texto. Nessa composição em que existem vários sistemas de linguagem relacionados, acredita-se que o que mais chama a atenção do indivíduo é justamente a imagem, pois existem muitas histórias em quadrinho que não possuem a linguagem escrita junto com a imagética.

A imagem tem a propriedade de referência em comum com a língua, diferindo, no entanto, nos elementos de leitura, principalmente quanto ao número, pois na língua estes são finitos, enquanto que na imagem podem ocorrer sem limites. (NEIVA JÚNIOR apud PALHARES, 2008)

“A palavra e a imagem têm uma relação de complementaridade; as palavras são, então, fragmento de um sintagma mais geral, assim como as imagens, e a utilidade da mensagem é feita em um nível superior: o da história, o da anedota, o da diegese.” (BARTHES apud COSTA; ORRICO, 2009).

Guimarães (2005) afirma que os estudiosos dos meios de comunicação de massa verificaram que a inclusão de suplementos de História em Quadrinhos era

uma das estratégias utilizadas pelos donos dos jornais mais famosos do EUA no final do século XIX, para aumentarem sua produção e o número de leitores.

“As histórias em quadrinhos comunicam numa linguagem que se vale de experiência visual comum ao criador e ao público. Pode-se esperar dos leitores modernos uma compreensão fácil da mistura imagem-palavra e da tradicional decodificação do texto. A história em quadrinhos pode ser chamada "leitura" num sentido mais amplo que o comumente aplicado ao termo". (EISNER apud SANTOS; SILVA, s.d.)

De acordo com as idéias de Araújo, E. Costa e M. Costa (2008), através da história em quadrinhos o desenvolvimento educacional do indivíduo, pode ser bem melhor, pois nesse tipo de linguagem há a união dos elementos que são essenciais para a educação, ainda mais na educação da criança que tem grande interesse por esse tipo de linguagem. O material e as técnicas utilizadas no seu desenvolvimento e em sua composição facilitam a compreensão do conteúdo que se deseja transmitir, utilizando-se adequadamente as linhas, pontos e cores. Este processo estimula o aluno que ainda não sabe ler e escrever a chegar à escrita e à leitura, através das imagens, contribuindo com a alfabetização do indivíduo.

“A “alfabetização” na linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o aluno decodifique as múltiplas mensagens neles presentes e, também, para que o professor obtenha melhores resultados em sua utilização”. (WALDOMIRO apud GUIMARÃES, 2005)

O problema da utilização da História em Quadrinhos, segundo Guimarães (2005) como forma de facilitar o ensino e o aprendizado das crianças na escola, é justamente o fato de que os professores da rede de ensino não estão preparados para lidar com esse tipo de estratégia como recurso didático junto a seus alunos.

Para ele, ao ensinar utilizando-se quadrinhos como estratégia de ensino, é muito importante que o professor tenha conhecimento suficiente dos elementos da linguagem dos quadrinhos e do que essa linguagem dispõe para a representação do imaginário e ainda, que saiba o processo de evolução histórica dos quadrinhos e as principais coisas que envolvem a sua produção. Diante disso, vê-se que não basta

que o professor saiba apenas ler a História em Quadrinhos, mas também que tenha uma formação, de certo modo, profunda sobre a matéria.

2.1.2.2 Mapas Conceituais: organização de idéias

Novak e Cañas (2010) afirmam que durante a nossa vida, diversas cenas e imagens são armazenadas por nós o tempo todo, e este armazenamento está ligado ao processo de aprendizado relacionado a símbolos e ícones. Sperling (apud NOVAK; CAÑAS, 2010) diz que essas imagens armazenadas por nós compõem as memórias icônicas. Nos estudos feitos por Sperling, as imagens alfanuméricas eram rapidamente esquecidas, enquanto os outros tipos de imagens ficaram retidos na memória por muito mais tempo. Diante disso, observou-se que nossos cérebros têm uma imensa capacidade de absorver e reter imagens visuais de pessoas ou fotos.

Segundo Bransford e Tsien (apud NOVAK; CAÑAS, 2010) através de diversas pesquisas pôde-se observar que o nosso cérebro trabalha sempre organizando o conhecimento em uma seqüência hierárquica e que métodos de ensino, como os dos mapas conceituais, facilitam esse processo, aumentando a capacidade de armazenamento de informações e de aprendizado significativo do indivíduo.

O mapa conceitual é uma estrutura esquemática para representar um conjunto de conceitos imersos numa rede de proposições. Ele pode ser entendido como uma representação visual utilizada para partilhar significados. (TAVARES, 2007).

Freitas Filho (2007) afirma que toda base teórica relacionado ao uso de mapas conceituais como forma de aprendizagem, encontra-se na Teoria de Aprendizagem ou Teoria de Assimilação, de David Ausubel (1968). A teoria fala de como o conhecimento é adquirido e como este se armazena na estrutura cognitiva do estudante.

“O indivíduo constrói significado a partir de um acerto conceitual entre o conceito apresentado e o conhecimento prévio além é claro, de sua predisposição para realizar essa construção.” (AUSUBEL apud FREITAS FILHO, 2007).

Sua teoria toma como base o princípio de que armazenamento de informações se dá pela organização de todos os conceitos relacionados de forma hierárquica: do mais abrangente ao mais específico. A partir dessa teoria, Novak (2010) pôde desenvolver a metodologia de Mapas Conceituais, na tentativa de representar o conhecimento da maneira que ele é armazenado na estrutura cognitiva do indivíduo. Visando a aprendizagem significativa, ele recomenda que o professor utilize esses mapas como recurso didático, objetivando-se identificar significados pré-existentes na estrutura cognitiva do estudante que são necessários à aprendizagem.

Segundo Novak e Cañas (2010), para organizar uma grande quantidade de conhecimento é necessário que haja uma seqüência de interações entre a memória operacional e a memória de longo prazo, à medida que o conhecimento novo for adquirido, para que ele realmente cause uma transformação na estrutura cognitiva do indivíduo. Diante de suas idéias, a eficácia dos mapas conceituais na facilitação do aprendizado significativo vem do fato de ele servir como molde para a estruturação e organização do conhecimento.

De maneira geral um mapa conceitual torna mais fácil a percepção e compreensão de eventos por diversos motivos, por exemplo, existe uma grande proximidade entre a memória visual e as imagens que são apresentadas, e devido as suas propriedades visuais-espaciais, seu processamento requer um número menor de transformações cognitivas que o processamento de um texto, e desse modo não excede as limitações da memória de curto prazo. (TAVARES, 2007).

Tavares (2007) cita a teoria da codificação dual de Allan Paivio (1991), que indica que nós possuímos dois subsistemas cognitivos; um próprio para lidar com a linguagem imagética e o outro próprio para lidar com a linguagem verbal. Assim, ele conclui que imagens e palavras são códigos diferentes, que apesar de poderem ser ativados de forma independente, são inter-relacionados. Quando os dois códigos se conectam, as informações são codificadas de modo dual. Assim, a construção de conexões, relações e entendimento na estrutura cognitiva é facilitada; e juntamente com ela, o resgate da informação que utiliza a codificação dual.

Para Vekiri apud Tavares (2007), na comunicação de conteúdos complexos, uma representação gráfica pode ser mais efetiva que um texto, porque o

processamento mental da imagem pode exigir menos do cérebro do que o processamento verbal de um texto.

Além de utilizar os mapas conceituais como recurso de aprendizagem, pode-se utilizá-los também como recurso de avaliação, incentivando os alunos a utilizarem em seus mapas, níveis de aprendizagem significativos.

2.1.3 A utilização da imagem na publicidade

A literatura especializada recomenda que para aprender a ler e interpretar as imagens é importante que se conheça certas regras de interpretação e as formas estruturais de cada manifestação visual, da mesma forma que na escrita é importante que se conheça a gramática e as regras que regem cada componente textual.

Joly (1994) afirma que a palavra imagem na sociedade contemporânea nos liga normalmente à imagem midiática. A imagem midiática é o tipo de imagem que está presente em quase todos os meios de comunicação do nosso dia-a-dia; são as imagens relacionadas a trabalhos publicitários. Ela não representa a publicidade de forma geral, pois a publicidade está presente em todos os suportes físicos e a imagem midiática é representada principalmente pela televisão. A imprensa escrita e a rádio atribuem o título de imagem a tudo o que é produzido e transmitido na televisão, que é um grande instrumento capaz de ampliar as atividades publicitárias de transmissão de informação e ficção.

Da mesma forma que a imagem é considerada um meio que ajuda no desenvolvimento educacional, ela também pode ser considerada um meio de persuasão, podendo atingir, enganar e convencer uma pessoa de algo. “Instrumento de comunicação, divindade, a imagem assemelha-se ou confunde-se com aquilo que ela representa. Visualmente imitadora, pode tanto enganar como educar. Reflexo, ela pode conduzir ao conhecimento” (JOLY, 1994, p. 19).

Trabalhar com a imagem na publicidade é justamente mostrar às pessoas que elas podem viver na realidade algo que é desejável, que não tem a ver com a

verdade, mas que apesar disso, pode ser vivenciado. As empresas utilizam as imagens como meio de mostrar seus produtos e serviços para seu público-alvo e é justamente a imagem utilizada pela empresa, ou seja, a forma como ela se apresenta e mostra os seus serviços, que dará credibilidade a ela.

Como mensagem, que coloca seres humanos em uma relação de comunicação, ainda que não face-a-face, o texto publicitário exige, além de uma compreensão, também a sedução do leitor. É por esse motivo que os elementos verbais e não-verbais, dispostos em um anúncio, são permeados de estratégias de persuasão, que na maioria das vezes passam despercebidos pelo leitor-consumidor (PETERMANN, 2006, p.1).

Segundo Souza (2001), é muito freqüente vermos na utilização da imagem na publicidade a relação polifonia/policromia. Em geral, a relação é de complementaridade entre ambos.

Para Ducrot (apud SOUZA, 2001), polifonia diz respeito à quantidade de vozes que fazem parte de um texto que podem ser atribuídas a diferentes locutores, quando este pode se infiltrar no texto a partir de perspectivas ideológicas. Dentro dessa idéia, é que é definido o dito e o não-dito (a voz implícita).

Authier apud Souza (2001) chama de heterogeneidade enunciativa o caráter de heterogeneidade que essas diversas vozes atribuem ao texto. O texto de imagens também tem na sua constituição marcas de heterogeneidade, como o implícito, o silêncio, a ironia.

Para Souza (2001), a policromia diz respeito aos elementos constitutivos da linguagem não-verbal, contida nas imagens. O jogo feito com formas, cores, luz, ângulo, sombras, paisagens etc. é semelhante às vozes no texto, no sentido de que é possível perceber diferentes perspectivas da imagem e apreender diferentes sentidos no plano discursivo-ideológico. Assim, a policromia revela a identidade da imagem com o conjunto de heterogeneidades que se correlacionam, trabalhando a textualidade da imagem.

O jogo entre polifonia e policromia permite pensar o interdiscurso na esfera da intertextualidade que joga com o texto verbal e o não-verbal, referendando aí a memória discursiva. Lembrando, porém, que é através de num processo contínuo de deslizamentos, que se chega tanto ao lugar da interpretação, quanto ao lugar da historicidade e que, por esse mesmo caminho, também se esbarra com a afirmativa de que não há sentido sem

metáfora (Pêcheux, 1975), reafirmamos que a policromia assoma como o lugar dos deslizamentos e como o lugar de rede de filiações por imagens. A rede de filiações aponta os diferentes domínios do interdiscurso, nomeados de formação discursiva (FD). (SOUZA, 2001).

2.1.4 Fotografia: conceitos e história

Segundo Rodrigues (2010, p.25), a fotografia é uma imagem que representa o que é real; está sempre vinculada a algo que já existiu ou que existe. Ao contrário das outras formas de representação imagética, que são mais artesanais, a fotografia depende da câmera para poder existir.

“Fotografia é a linguagem da imagem, a mais recente versão da mais antiga forma de comunicação gráfica.” (PETER apud BRIGIDI, 2009).

É uma combinação de luzes, penumbras e sombras que, em frações de segundos, se transforma num elemento visível e interpretável. Protagonista de incontáveis feitos científicos, artísticos, religiosos, psicológicos e afetivos do homem, é utilizada para captar, emocional, documental e plasticamente, a rotina de sociedades de origens e histórias diversas. Aliada a tecnologia, vem permitindo aos fotógrafos registrarem o modo de viver (costumes, rituais, estímulos culturais e simbólicos), de pensar (filosofia), de sentir e de agir do homem, e de tudo o que está ao seu redor. Os fatos, a natureza em geral, e os personagens que servem. (LIMA; SILVA apud RODRIGUES, 2010).

“Uma fotografia nunca é única: a ela sempre é possível relacionar uma outra, ou um texto, ou uma informação originária do repertório do receptor. Em primeiro lugar, uma fotografia é um objeto, do qual emanam, já, muitas informações: o processo fotográfico utilizado, a dimensão, a cromia, etc.” (MANINI, 2009).

A invenção da fotografia se deu em um contexto cheio de movimentações sociais, científicas, culturais e tecnológicas, no período da revolução industrial, mas ela originou-se em épocas remotas com base nos princípios da câmara obscura, que era utilizada pelos pintores do Renascimento.

Gombrich (apud Rodrigues 2010), afirma que no início, a fotografia era usada principalmente para retratos de pessoas. Onde estas ficavam horas paradas numa mesma posição esperando serem fotografadas. Quando então surgiu a máquina fotográfica no período da ascensão da pintura impressionista, as pessoas foram

vendo que não era mais necessário que a pintura fizesse o trabalho que uma máquina poderia fazer de forma mais rápida e barata. Isso impedia os artistas de desenvolverem seus experimentos e suas explorações e a fotografia passou assim, a realizar o trabalho feito pelos pintores.

Embora tenha maravilhado nossos antepassados, a fotografia não nasceu de uma invenção súbita, pois ela é a filha mais legítima da câmara obscura, tão popular no Quattrocento, cujo aperfeiçoamento permitiu estender a automatização até a própria inscrição da imagem, afastando do pintor a tarefa de nela colocar sua mão. O que faltava na câmara obscura eram um suporte sensível à luz para a captura automática da imagem, de um lado, e o negativo para a automatização da reprodução dessa imagem original, de outro. Ambos chegaram com a fotografia. (RODRIGUES, 2010, p.88)

Segundo Rodrigues (2010), com o passar do tempo uma série de mudanças foi ocorrendo. O processo físico (relacionado a formação da imagem através de um dispositivo ótico) permaneceu o mesmo, alterando-se apenas a tecnologia das lentes que passaram de simples vidros óticos para lentes de cristal, o que possibilitou uma ampla precisão e capacidade de captação de imagens. O processo químico (relacionado à ação da luz sobre certas substâncias) foi sendo aperfeiçoado, ocorrendo grandes mudanças, entre elas, a transformação dos filmes fotográficos em sensores CCD. Dessa forma o que era químico passou a ser eletrônico.

O que era filme virou sensor de fotocélula. O que era revelação de filmes passou a ser interpretação binária em computador. O que era feito na câmara escura dos laboratórios passou a ser feito na câmara clara dos computadores e das próprias máquinas fotográficas digitais mais avançadas. (RODRIGUES, 2010, p. 90)

Segundo Manini (2009), diante do desenvolvimento tecnológico com relação a fotografia, outro aspecto teve que ser considerado: o digital. Atualmente não falamos apenas em fotografia, mas também em imagem fotográfica. Toda a manipulação de imagens, como interferências no negativo e na forma de ampliação, mudou bastante com o desenvolvimento da tecnologia informática, dos programas de tratamento de imagens e a computação gráfica.

Para Manini (2009) é importante lembrar-se das questões que devem ser consideradas na leitura de imagens fotográficas para fins documentários. tendo como foco a passagem do período em que a fotografia era tida como objeto da memória, para o período em que ela passou a ser um objeto da linguagem, funcionando como signo; tentar responder as questões relacionadas à questão digital, de forma a fazer o trabalho da área de Ciência da Informação, cuidando das informações existentes nos documentos fotográficos com máxima conexão com a realidade representada.

No paradigma pós-moderno subjaz a linguagem fotográfica, a fotografia como signo. Antes, à fotografia se imputava muito mais apenas o caráter indicial, denotador de que o referente existiu e que, como tal, mostrou-se passível de ser documentado e, posteriormente, memorizável. (MANINI, 2009).

Para Rodrigues (2010, p.38), para que uma fotografia seja devidamente tematizada é necessário não somente analisá-la em seus sentidos denotativos - os quais são mais precisos, onde não há interpretações, representando apenas aquilo o que os olhos vêem literalmente - mas também em seus sentidos conotativos, os quais já dependem de um contexto e dão espaço para interpretações, levando em consideração certa subjetividade de quem irá analisá-la.

De acordo com Manini (2009), quando se faz a leitura da linguagem fotográfica normalmente se olha de cima para baixo, da esquerda para a direita, e algumas vezes a atenção vai direto no punctum, de Barthes (1964). Punctum, segundo Barthes, é o lance de dados; é algo da imagem que chama a atenção do receptor; que é discreto no primeiro momento, mas que quando é percebido capta rapidamente o olhar daquele que observa a imagem e o atinge no momento em que a olha. Ele provoca uma ruptura dentro da imagem.

A fotografia, muitas vezes, é polissêmica. Isso significa que uma mesma fotografia pode ter várias interpretações dependendo do contexto o qual ela estiver inserida.

Nesta perspectiva, a imagem fotográfica torna-se um elemento de documentação visual de um acontecimento observável ou verificável.

A imagem assume um papel discursivo na relação fotógrafo/pesquisador e grupo pesquisado. (LOPES, 2010, pg.56).

Segundo Lopes (2010), se formos pensar no papel discursivo da imagem fotográfica assim como no texto, não podemos deixar de considerar o autor e o conjunto de intenções que formarão o acontecimento social fotografado. Por trás da imagem fotográfica não existe somente o registro de algo que ocorreu, mas por trás disso há a construção de uma história, há a interpretação do acontecimento e a subjetividade do pesquisador/fotógrafo.

Trata-se de uma leitura que se estrutura em significados e situações que não são diretamente próprios daquilo que está sendo fotografado e daqueles que estão sendo fotografados, mas se refere à própria inserção do pesquisador/fotógrafo no mundo social, e o seu processo de seleção e recorte do fenômeno analisado. (LOPES, 2010).

Na perspectiva de Martins, o ato fotográfico é um ato imaginativo, tais quais os registros escritos na pesquisa, uma interpretação que tem como filtro o olhar do próprio pesquisador. Nesse sentido, o verossímil não é necessariamente o concreto da ação, embora seja real. As imagens estão povoadas de dimensões, significações e determinações que transcendem a realidade fotografada. (LOPES, 2010).

2.2 Comportamento de busca por informação

A expressão “comportamento de busca” pode ser entendida como os vários meios e metodologias dos quais os usuários se utilizam em busca de determinada informação, tanto para descobri-las quanto para ter acesso a elas. Pode remeter também às interações, às características e às estruturas dessas interações entre usuário e máquina, usuário e sistema automatizado de busca, recurso, fonte ou serviço de informação (CRESPO; CAREGNATO, 2003).

Porém, um comportamento de busca pode ser identificado mesmo quando alguém está em busca de informação em outros meios, que não o computador. Em várias situações do cotidiano, podemos estar em busca de determinados dados que não estão em suporte informatizado e mesmo assim podemos identificar uma série de padrões nas nossas metodologias de busca.

Um comportamento de busca não necessariamente é caracterizado pela percepção exata da forma como quer se encontrar determinada informação, porém necessariamente deve envolver uma lacuna a ser preenchida, que constitui a necessidade de informação.

O processo de comportamento de busca se inicia a partir daí, quando o indivíduo percebe alguma lacuna de dados ou de conhecimento e sente a necessidade de preenchê-la. Essa necessidade pode ser sensível ou latente, ou seja, o indivíduo pode ter consciência de que precisa satisfazer tal necessidade ou não. Krikelas apud Crespo e Caregnato (2006) define comportamento de busca como sendo:

... todas as atividades de um indivíduo que sejam realizadas para identificar mensagens que satisfaçam às necessidades percebidas. Ou seja, busca de informação começa quando alguém percebe que o conhecimento atual possuído é menor que o desejado para tratar de algum assunto. (KRIKELAS apud CRESPO; CAREGNATO, 2006).

Estudos apontam para etapas ou estágios que compõem o processo de percepção da necessidade informacional. Essas etapas são permeadas por sentimentos à medida que o indivíduo percebe a necessidade de formação de conhecimento ou aumento dele. O processo tem início quando há reconhecimento e aceitação do problema de informação. Após isso, há maior entendimento da questão-problema e o indivíduo define melhor o que fazer e como proceder, selecionando as fontes de informação e elaborando uma estratégia de busca através da elaboração de uma pergunta a ser respondida. Com a pesquisa realizada, verificam-se os resultados obtidos e a partir daí, o indivíduo seleciona e extrai o que julgar mais pertinente e relevante (CRESPO; CAREGNATO, 2006).

Há mudanças no modo de pesquisar e utilizar informações, conforme a área de interesse e atuação do usuário. Crespo e Caregnato (2003) exemplificam que através da verificação de métodos usados com maior frequência por cientistas de Física e Química para obtenção de informações, constata-se que a forma mais adotada em ambas as áreas é o acompanhamento das citações em artigos relevantes, seguida da leitura de publicações correntes para a atualização dos conhecimentos.

2.2.1 Comportamento de busca segundo o modelo de Kuhlthau

Carol C. Kuhlthau, em 1991, analisou os processos de busca por informações de estudantes que estavam desenvolvendo suas monografias. Através dessa análise, ele pretendia descobrir as características do processo de busca e concluiu que ele é desenvolvido por meio de pensamentos, ações e sentimentos que constituirão os estágios desse processo. (CRESPO; CAREGNATO, 2003, 2006; BAPTISTA; CUNHA, 2007).

Crespo e Caregnato (2003) afirmam que para Kuhlthau o processo de busca é centrado no indivíduo, tem certa subjetividade e forma-se através de uma construção pessoal, onde o usuário parte da informação para criar novos conhecimentos, somando a antiga com a nova informação, para assim reorganizar ou construir o conhecimento.

Baptista e Cunha (2007) e Crespo e Caregnato (2003, 2006) realizaram estudos acerca do chamado '*Information Search Process*' – *ISP*, modelo desenvolvido por Kuhlthau que propõe que os processos de busca sejam formados por seis etapas, são elas:

Tabela 1 – Comportamento de busca – Modelo de Kuhlthau

Comportamento de busca	
Etapas	Descrição
Início	Primeiramente o indivíduo sente uma determinada necessidade de informação, ou seja, toma consciência de uma lacuna no seu entendimento ou conhecimento e reconhece que precisa preenchê-la e assim satisfazer esta necessidade informacional.
Seleção	O usuário, individual ou coletivamente, procura discutir tópicos gerais para serem investigados e modos de acesso a essa informação.
Exploração	O interessado busca por informações relevantes a respeito de um tópico genérico. É comum o surgimento de sensações como incerteza, confusão, dúvidas e apreensão, pois é normal ter pensamentos vagos e amplos nesta etapa.
Formulação	Esta fase traz o momento decisivo, pois é a etapa na qual há direcionamento para estudo de modo mais concreto. O usuário sente aumento de confiança e redução das incertezas.
Coleta	Nesta etapa o senso de direção do usuário deve estar definido. Geralmente ocorre maior interação entre ele e o sistema de informação.
Apresentação	Esta é a fase conclusiva. Usualmente o usuário sente alívio e satisfação por ter encontrado aquilo que deseja ou descontentamento e frustração por não ter suas necessidades de informação satisfeitas. Nesta etapa, obtêm-se os produtos do processo de busca: texto, artigo, apresentação oral, monografia, imagens, etc.

Fontes: CRESPO, Isabel Merlo; CAREGNATO, Sônia Elisa. Busca de informação: uma comparação de dois modelos. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 271-281, jul./dez. 2003; BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos da. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.12, n.2, Maio/Ago. 2007.

A denominação que cada estágio recebeu está ligada com a principal ação desenvolvida na etapa em questão. Os seis estágios contêm estágio inicial, estágios meio e estágios finais.

Segundo Crespo e Caregnato (2003, 2006), Baptista e Cunha (2007) o modelo de Kuhlthau fundamentou-se na tese de doutorado de David Ellis apresentada em 1987, na Universidade de Sheffield. O estudo que Ellis desenvolveu, criando um modelo comportamental na busca por informações, foi baseado em aspectos cognitivos do processo de pesquisa. Para o estudo, Ellis tomou como amostra cientistas de alguns departamentos da Universidade de Sheffield e analisou o comportamento desses grupos de cientistas por meio de entrevistas semi-estruturadas, com o propósito de apontar sugestões para o desenho de sistemas de recuperação informacional.

2.2.2 Comportamento de busca segundo o modelo de Ellis

O modelo de comportamento de busca desenvolvido por David Ellis teve por finalidade identificar aspectos cognitivos da busca por informação, ou seja, traçar os parâmetros da função da inteligência ao adquirir conhecimentos.

Segundo Crespo, Caregnato (2003, 2006), Baptista e Cunha (2007) este modelo também foi estruturado com base em seis categorias e com relação ao modelo de Kuhlthau se assemelham pelo fato de que ambos foram centrados no indivíduo, pois as análises foram feitas a partir do comportamento de pessoas ou grupos de pessoas. Porém diferem-se, pois Ellis não leva em consideração as sensações e sentimentos que permeiam o processo de busca, dando mais atenção ao modo como o indivíduo procede para encontrar o material de interesse. Os dois modelos citados também se diferem no seguinte aspecto: no modelo de Ellis as seis categorias não são necessariamente sequenciais. São elas:

Tabela 2 – Comportamento de busca – Modelo de Ellis

Comportamento de busca	
Etapas	Descrição
Iniciar	Nesse estágio inicial obtém-se uma visão geral da situação problema, onde se define o direcionamento de foco da pesquisa. O indivíduo portador da necessidade informacional pode consultar diversas fontes para apreender os dados iniciais sobre a lacuna a ser preenchida.
Encadear	O indivíduo realiza conexões entre o seu conhecimento prévio e os novos conhecimentos adquiridos. Também realiza ligações entre as citações, podendo assim, encontrar outros materiais relevantes para sua pesquisa.
Navegar	O indivíduo pesquisa de forma pouco objetiva uma ampla área de interesse, onde o objetivo é atualizar o conhecimento ou familiarizar-se com o conteúdo da área. Geralmente recuperam-se listas de autores, de trabalhos citados, de anais e de periódicos, entre outros.
Diferenciar	Para que haja diferenciação entre os diversos materiais encontrados, o indivíduo verifica e filtra a fim de selecionar o material mais relevante.
Monitorar	Com o objetivo de se manter sempre atualizado, o indivíduo tem a opção de monitorar determinada área de interesse conforme suas necessidades, o que pode ser feito, por exemplo, por meio da assinatura de Feeds RSS ou um serviço de Disseminação Seletiva.
Extrair	É geralmente o estágio final, onde o indivíduo tendo encontrado material relevante seleciona e extrai o que lhe for de interesse.

Fontes: CRESPO, Isabel Merlo; CAREGNATO, Sônia Elisa. Busca de informação: uma comparação de dois modelos. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 271-281, jul./dez. 2003; BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos da. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.12, n.2, Maio/Ago. 2007.

Lembrando que, segundo Ellis esses estágios não são rigidamente ordenados e podem sobrepor-se de maneira variada. (CRESPO; CAREGNATO, 2003, 2006; BAPTISTA; CUNHA, 2007).

Crespo e Caregnato (2003) ainda apontam que pelo fato desses modelos terem se desenvolvido com base em amostras tão diferentes, pois Kuhlthau se baseou em alunos de graduação confeccionando suas monografias e Ellis tomou como amostra grupos de cientistas sociais de diversos departamentos da Universidade de Sheffield, a linearidade pode ser um reflexo desta distinção entre os grupos pesquisados. Linearidade esta presente no modelo de Kuhlthau e ausente no modelo de Ellis.

Portanto, Crespo e Caregnato (2003), através de observações dos modelos supracitados, concluem que alunos de graduação elaborando um trabalho acadêmico tem o foco de pesquisa bem delimitado, com noção de busca sequencialmente ordenada: estágios iniciais, intermediários e finais. Já no âmbito da pesquisa científica, devido ao comprometimento de toda uma carreira profissional, não se verifica essa linearidade. Exemplifica-se com as seguintes indagações:

Como, então, identificar o fechamento da busca de informações? Quando o cientista apresenta seu trabalho em um congresso, quando escreve um artigo, quando apresenta um relatório para agência financiadora? É difícil determinar, já que estas são todas atividades contínuas para quem está engajado na produção do conhecimento científico (CRESPO; CAREGNATO, 2003).

Então, apesar da validade e eficácia de ambos os modelos para estudos de comportamento de busca, a opção por um deles como referencial teórico depende do contexto em que ele será aplicado. Crespo e Caregnato (2003) sugerem que para o estudo dos processos inerentes à comunicação científica, o modelo de Ellis é o mais adequado.

2.3 Fotografia: dificuldades na descrição

O tratamento documental de imagens muitas vezes se mostra difícil e problemático, levando em consideração a imensa dificuldade de interpretar o conteúdo de uma imagem, dificuldade essa que é normal e comum a todos os seres humanos. O documento imagético possui um caráter polissêmico, visto que é

resultado da produção social e cultural, uma verdadeira forma de manifestação, de expressão e de visão de mundo ou de objeto reproduzido por parte do produtor da imagem.

Para facilitar a recuperação de documentos fotográficos é importante que eles sejam indexados, que haja representação do conteúdo da foto por meio de termos descritores ou palavras-chave. Daí se vê a ligação entre a recuperação, como resultado da busca, e a descrição de documentos que deve seguir parâmetros designados pela instituição a qual o sistema de recuperação de documentos está subordinado. Para que a indexação seja organizada de modo mais estruturado, é importante que esta siga uma política de indexação que estabeleça seus limites.

Segundo Lopes (2006) “uma política de indexação para fotografias tem por finalidade refletir as metas e os objetivos de representação temática das imagens expressas na coleção de fotos da instituição”, e esta política deverá se nortear pelas necessidades de informação dos usuários e com isso consolidar as diretrizes para apreciação dos recursos existentes e para estabelecimento da profundidade e da abrangência com que deverão ser tratados os conteúdos informacionais contidos nos documentos imagéticos.

Lopes (2006) aponta para os diferentes procedimentos a que se submetem os documentos ao serem indexados. Na indexação de textos, realiza-se uma análise conceitual objetivando identificar o conteúdo de um documento para representá-lo através do assunto de que trata o texto. Ou seja, um texto terá o seu documento secundário, o seu verdadeiro representante, que conterá determinados termos que sintetizam seu conteúdo, seu assunto.

Esses termos podem ser retirados de uma linguagem artificial, neste caso serão chamados de descritores, ou podem ser escolhidos livremente, sendo neste caso chamados de palavras-chave.

Ainda segundo Lopes (2006), no caso do documento imagético, o conteúdo informacional, isto é, o que é retratado na imagem deve ser abordado em conformidade com seu uso, ou seja, a indexação deve priorizar o atendimento das necessidades dos usuários do sistema informacional.

Diferentemente do “documento tradicional”, onde também há subjetividade, o documento imagético se mostra muito mais subjetivo quando falamos de indexação e recuperação informacional. Há de se considerar seus elementos essenciais, que são o ponto, a linha, a cor, a forma e a textura.

O documento imagético é tão peculiar e mais complexo de ser analisado quando comparado ao documento escrito, que frequentemente o material textual é indexado automaticamente por meio de computadores e a representação do material visual geralmente é resultado de uma decodificação.

Essa decodificação implica na tradução da linguagem visual para a linguagem verbal e exige do indexador uma grande capacidade de interpretação imagética e de captação de seus elementos. Exige também que se analise mais profundamente e que se considere a política do ambiente e do acervo em que se insere a imagem, o que, conseqüentemente, demanda mais tempo para realização da atividade. Para o documento textual, o indexador ainda que desconheça o assunto tratado no texto, pode descrever o assunto através dos termos mais freqüentes ou constantes do título e até mesmo se valer dos assuntos descritos na ficha catalográfica.

A indexação automática supracitada se trata da indexação por extração e Lancaster (2004, p. 18) a define como sendo a seleção de termos que ocorrem no texto documental com mais frequência e são definidos como descritores para representar o conteúdo temático. Esta atividade é feita por programas de computador.

A indexação de documentos textuais e documentos imagéticos se dá de forma tão diferente que enquanto uma pode ser feita através de leitura dinâmica, a outra requer um determinado grau de conhecimento do contexto de produção da imagem, do objeto ou pessoa retratados na imagem, entre outros aspectos que devem ser levados em consideração.

Smit (1996) afirma que “os procedimentos de resumo e indexação desenvolvidos para a informação textual não podem ser mecanicamente transpostos para o documento fotográfico”. Ressalta-se ainda, que é necessário, para efeitos de análise documentária, justapor o conteúdo informacional da imagem à sua forma, ou seja, à expressão fotográfica.

Segundo Smit (1996) os processos de representação descritiva distintos para documentos textuais e imagéticos se dão, principalmente, por dois motivos: o estatuto da imagem fotográfica distingue-a do texto, ou seja, as condições e situações que regem uma fotografia são diferentes das regras e “normas de funcionamento” de um documento escrito, e a utilização da imagem fotográfica (e da imagem em geral) não se baliza unicamente por seu conteúdo informacional (aquilo que a imagem mostra), mas também por sua expressão fotográfica (a forma adotada para expressar o que se quer transmitir pela imagem).

Em síntese, Smit (1996) aponta que para a excelência na representação fotográfica há a demanda de refinamento da grade de leitura do conteúdo informacional da imagem fotográfica, através do detalhamento das categorias QUEM, ONDE, QUANDO e O QUE, detalhamento de uma grade de leitura relacionada à "expressão fotográfica", envolvendo a seleção de dados da geração do documento fotográfico pertinente para a representação da imagem e o estabelecimento de regras de conjunção das duas grades de leitura.

Bissol (apud Pinto, 2008b) alerta para esses cuidados a serem tomados e ainda observa o quanto é importante para a boa representação do conteúdo temático uma boa bagagem de conhecimento prévio:

Estudando a semântica das imagens, Stéphane Bissol (2005, p. 20-21) apresentou cinco categorias de conhecimentos que podem ser observadas quando da representação indexal e recuperação de imagens visuais: a) conhecimento sobre a aparência visual do objeto; b) conhecimento específico sobre a aparência do objeto; c) conhecimento sobre as relações entre os objetos; d) conhecimento sobre as relações entre as instâncias específicas dos objetos contidos nas imagens, e uma cena determinada; e) conhecimentos não visuais (subjetivos) sobre os objetos. Todas estas categorias podem ser responsáveis pelo aumento do silêncio ou do ruído na representação indexal e na recuperação de informações registradas em imagens visuais, pois o ângulo de percepção visual é ligado às “leituras de mundo”, feitas por cada um. Portanto, ela não é desconectada de crenças, de concepções de mundo e, evidentemente, da cultura de cada qual. Daí o porquê das dificuldades para se efetuar o tratamento de informações de documentos imagéticos (PINTO, 2008b).

A literatura especializada na área imagética defende que uma imagem, muitas vezes, pode ser mais expressiva, convincente e significativa do que um texto, por

isso é importante dar o devido tratamento documental e uma análise contextual adequada.

Dias (2010) aponta para a inexistência de um método de interpretação e descrição do conteúdo dos documentos imagéticos, onde sejam levadas em consideração todas as possibilidades de uma imagem, onde as informações contidas na imagem possam ser sistematizadas sem esquecer-se da importância no discernimento de história da fotografia, técnica fotográfica, entre outros métodos e estudos relevantes, como por exemplo, a história através da fotografia.

Lopez e Borges (2009) alertam que a falta de um sistema classificatório de descrição do conteúdo imagético que ignore o contexto de produção da imagem, pode acabar por causar enormes problemas no futuro, pois informações de eventos e pessoas retratados nas imagens que hoje estão implícitas podem se tornar cada vez mais prolixas e difusas, ocasionando dificuldade da compreensão dos documentos que tende a ser agravada com o passar do tempo.

Rodrigues (2007) defende a organização imagética através de análise e tematização de conteúdo.

[...] significa que os sentidos *conotativos* de uma imagem devem ser contextualizados *a priori* pelos especialistas que analisam e indexam as informações imagéticas e *a posteriori* pelos receptores, quando da elaboração de suas *queries* de pesquisa. A contextualização desses sentidos *conotativos* permitirá o uso de uma fotografia em diferentes contextos e para diferentes interpretações e usos. Desse conjunto de atividades, e em razão do elevado número de significados que podem ter, a análise e a tematização são, talvez, as tarefas mais importantes, pois a partir delas é que será possível garantir ao receptor o acesso e a recuperação do que necessita (RODRIGUES, 2007).

Smit (1996) afirma que “a proposição de uma metodologia de análise da fotografia supõe um entendimento da essência desta, daquilo que a caracteriza, das razões pelas quais é produzida e, sobretudo, das condições em que será utilizada”. Smit (1996) ainda alerta que, do ponto de vista documental, a fotografia deve ser tratada, integrando-se seus dois componentes: o próprio documento e o objeto enfocado (o referente).

A concepção da imagem fotográfica, enquanto documento, pode parecer ingênua, mas é altamente pertinente, se lembrarmos que boa parte do pessoal prático em arquivos fotográficos tem tendência a esquecer que

trabalha com documentos, imaginando estar representando os objetos fotografados, em nome de uma pretensa "transparência" da imagem (SMIT, 1996).

Segundo Manini (2002), o processo de contextualização de uma imagem, ao mesmo tempo em que alimenta a análise imagética, é alimentado por ela. Manini (2002) ainda aponta que as palavras-chave escolhidas para indexar o documento imagético podem ser confrontadas com os dados de contextualização da imagem para serem confirmadas ou corrigidas. Se o levantamento dos dados contextuais forem menos concretos, ou seja, mais ligados à técnica, à expressão, à linguagem fotográfica, pode vir a sanar de forma mais eficaz as necessidades do usuário. Lembrando que tudo dependerá do ambiente, da política do local com relação às imagens que serão inseridas no acervo e que necessitarão de indexação. Deve haver comprometimento com as áreas do conhecimento nas quais serão inseridos estes documentos e com o público alvo da instituição e dos serviços de documentação.

Manini (2002) propõe que seja levada em conta a contextualização com base nas principais temáticas definidas pela instituição. Sendo assim, podemos concluir que o conteúdo de uma mesma imagem é indexado de diferentes maneiras, sob diferentes ângulos e em diferentes instituições e podendo atender satisfatoriamente aos usuários de todas.

São apontadas duas situações por Manini (2002), casos onde o documento imagético se soma a uma linguagem escrita, uma legenda por exemplo, sendo usada para reforçar e reiterar a informação imagética, e casos onde através de conceitos da Análise Documentária, são atribuídos termos descritores retirados de uma linguagem documentária a uma determinada imagem, gerando assim termos de indexação ou palavras-chave e/ou resumos. Esses dois contextos da relação imagem/texto não podem deixar de ser diferenciados.

Quando se faz resumo ou levantamento de termos descritores ou palavras-chave para um documento, faz-se na verdade um documento secundário, o qual será o representante do documento original. Na tentativa de responder a questão da possibilidade de se resumir uma imagem fotográfica, Manini pondera que:

uma fotografia já é, por definição, um recorte de algo maior, embora isto não signifique que ela seja uma síntese do fato ou do cenário maior que compõe seu extra-campo. Ela é um recorte, mas, após o clique, passa a ser algo inteiro, uma unidade quando de sua construção enquanto linguagem e técnica. (MANINI, 2002).

A interpretação da imagem fotográfica permite várias possibilidades de leitura. Na tarefa de representação imagética, alguns detalhes vão ser priorizados em detrimento de outros, ou seja, devido à qualidade polissêmica característica da imagem, opta-se por representá-la sob uma determinada ótica e abandona-se as óticas restantes.

A questão do abandono não é obrigatória, pode-se, na verdade, até mesmo escolher mais de uma possibilidade de leitura para representar a imagem. Outro ponto importante a ser abordado é que a priorização e relegação de interpretações devem seguir a política de indexação da instituição. Mas o que deve ser enfatizado é que a indexação imagética dificilmente abrangerá todas as possibilidades de leitura e interpretação de uma imagem.

O ideal é a representação de indexação seguir o padrão de um vocabulário especializado e este deve estar em constante desenvolvimento, pois a atividade de manutenção de uma linguagem controlada nunca se finda. A indexação também deve ser avaliada por profissionais e usuários, e os indexadores devem encontrar um meio, um canal de comunicação com usuários para que a opinião desses possa servir de base para o desenvolvimento do vocabulário controlado e conseqüentemente, melhoria da qualidade da indexação.

Manini (2002) defende que o momento da atribuição de termos à imagem é o mais importante, pois nele acontece a reunião de palavras que farão com que o usuário se interesse – ou não – pelo documento. Surgem aí controvérsias, pois a incumbência de ‘seduzir’, persuadir ou chamar a atenção do usuário, que aí se torna o consumidor, é da Publicidade. Atrair a atenção do usuário para que ele se interesse pela imagem, não é objetivo da indexação. Esta visa arrolar termos da melhor maneira possível para que o usuário satisfaça suas necessidades de busca com maior eficiência e eficácia.

Para Manini (2007) deve-se levar em consideração a forma como a fotografia pretendeu transmitir determinada mensagem, ou seja, se por imagens em preto e branco, se por imagens em sépia ou coloridas ou sob qual enquadramento, ou seja, destaca-se a necessidade de análise da “Dimensão Expressiva”, que seria a forma usada para mostrar determinado conteúdo, a técnica utilizada para a produção imagética:

A Dimensão Expressiva de uma fotografia é algo ligado à forma da imagem – que se encontra em justaposição ao seu conteúdo informacional. Os métodos tradicionais de indexação de imagens preocupam-se com a recuperação baseada no conteúdo. Há a necessidade, entretanto, de se considerar também a recuperação da informação visual baseada na forma (MANINI, 2007).

A importância de considerar a Dimensão Expressiva na Análise Documentária de Imagens está no fato de que o ponto decisivo de escolha de uma fotografia (a partir de um conjunto de imagens recuperadas num sistema de recuperação de informações visuais) pode estar justamente na forma como a mensagem imagética foi construída para transmitir determinado conteúdo informacional (MANINI, 2007).

Segundo a literatura especializada da área, a preparação, a leitura e o repertório do indexador condicionam de forma determinante a indexação. O bom indexador não se limita com análises superficiais, procura sempre reciclar seus conhecimentos e se atualizar, busca sobretudo dinamismo pois é necessário entender que o processo de indexação, por se utilizar da linguagem escrita e ser dependente de tantos fatores e qualidades da parte de quem indexa, é um verdadeiro organismo vivo. Esse processo é o principal aspecto que implicará na recuperação de itens relevantes ou não, e como organismo vivo, está sempre em desenvolvimento, ora se expandindo ora se reduzindo, se ‘podando’.

Segundo Fujita (1999) a leitura do indexador deve ser metacognitiva e ele deve usar estratégias de interação com o texto de modo a propiciar uma compreensão suficiente para sua representação. Fujita (1999) ainda alerta que o indexador deve sempre manter em mente o seu objetivo de representar o documento para futura recuperação.

Fujita (1999) pondera que devido ao indexador ter geralmente um número considerável de documentos para analisar todos os dias, é operacionalmente

impraticável que este leia o texto integralmente para fins de análise documentária. Porém, é importante destacar que o processo de análise de um documento inicia-se pela leitura e dela depende a qualidade da análise, síntese e representação. A leitura documentária está sujeita a condições específicas: limite de tempo, propósito definido, geração de produtos, conjunto limitado de tipos de textos e áreas de assunto.

Fujita (1999) afirma que a leitura documentária é estratégica, seu objetivo é a identificação de termos representativos e, principalmente, que a identificação e seleção de termos são feitas durante a leitura do documento.

Em seu estudo de observação para a investigação sobre os procedimentos de leitura documentária Fujita (1999) concluiu que o leitor indexador interage com o documento mediante o domínio de uma linguagem documentária especializada, uma linguagem artificial que limita e padroniza os diversos termos que podem ser usados para descrever um documento, e também mediante o domínio da estrutura textual e da intenção do sistema de informação para a leitura.

3 METODOLOGIA

Através das informações obtidas na literatura especializada, serão identificadas as diversas formas de influência da imagem sobre as pessoas no seu cotidiano. Será desenvolvido um estudo de caso através de questionários e entrevistas com funcionários de alguns setores da Câmara dos Deputados que trabalham com imagens. Para identificar as etapas do processo de indexação de imagens na Câmara dos Deputados, visitar-se-á o Setor de Fotografias (SEFOT), o Centro de Documentação e Informação (CEDI) e dentro deste, o Setor de Documentos Audiovisuais (SEDAU). Pretende-se analisar o trabalho de indexação de documentos imagéticos realizado no SEFOT e no SEDAU, a política de indexação utilizada, bem como as dificuldades encontradas diante do processo de indexação. Serão entrevistados os chefes de cada setor para a compreensão do funcionamento do sistema de indexação de imagens utilizado por eles. Diante dos dados obtidos e observados, realizar-se-á uma análise comparativa da situação do arquivo de fotografias da Câmara, com a literatura especializada. Será aplicado um

questionário (Anexo I) a alguns funcionários do SEFOT, com o objetivo de avaliar as principais dificuldades no processo de indexação, verificar a importância da fotografia para o setor e identificar o nível de busca por esse tipo de documento. Os mesmos questionários serão passados para os seguintes funcionários: dois fotógrafos, o chefe e alguns funcionários do Setor de Documentos Audiovisuais (SEDAU), a chefe e um funcionário da Seção de Linguagens Documentárias (SELID), dois indexadores e a coordenadora geral do CEDI.

4 ESTUDO DE CASO

4.1 A Câmara dos Deputados

A história da Câmara dos Deputados começa a ser escrita na Província do Rio de Janeiro em 17 de abril de 1823, quando da abertura da Primeira Sessão Preparatória da Assembléia Geral, Constituinte e Legislativa do Império do Brasil.

O Poder Legislativo cumpre papel imprescindível perante a sociedade do País, visto que desempenha três funções primordiais para a consolidação da democracia: representar o povo brasileiro, legislar sobre os assuntos de interesse nacional e fiscalizar a aplicação dos recursos públicos.

Nesse contexto, a Câmara dos Deputados, autêntica representante do povo brasileiro, exerce atividades que viabilizam a realização dos anseios da população, mediante discussão e aprovação de propostas referentes às áreas econômicas e sociais, como educação, saúde, transporte, habitação, entre outras, sem descuidar do correto emprego, pelos Poderes da União, dos recursos arrecadados da população com o pagamento de tributos.

Assim, a Câmara dos Deputados compõe-se de representantes de todos os Estados e do Distrito Federal, o que resulta em um Parlamento com diversidade de idéias, revelando-se uma Casa legislativa plural, a serviço da sociedade brasileira.

Estrutura Administrativa

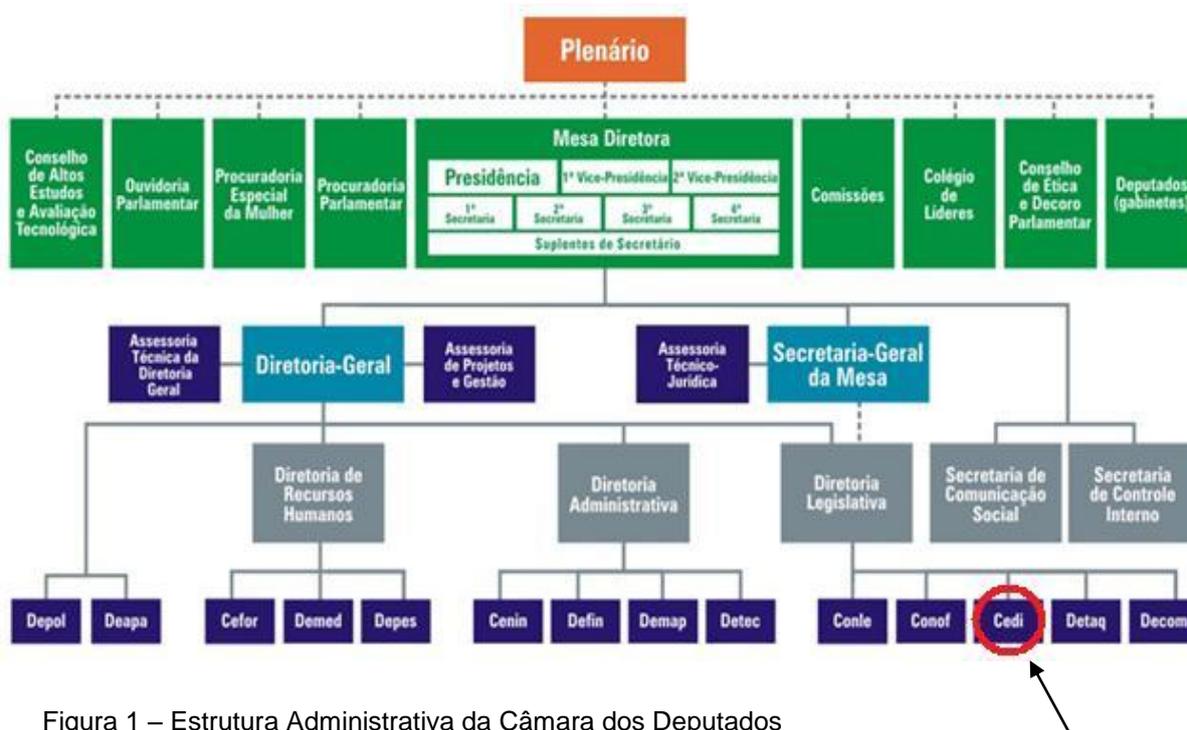


Figura 1 – Estrutura Administrativa da Câmara dos Deputados

O estudo abordará em especial o CEDI, onde está inserida a coordenação de arquivos (COARQ), que trabalha com a descrição e arquivo de fotografias da Câmara dos Deputados, para análise dos processos aos quais a fotografia é submetida dentro do SEFOT.

4.1.1 Centro de Documentação e Informação (CEDI)

Ao Centro de Documentação e Informação (CEDI) compete coordenar, controlar e dirigir as atividades de documentação, informação e pesquisa legislativa, bibliográfica, arquivística e museológica da Câmara dos Deputados. A ele cabe, ainda, a edição de publicações, a preservação dos bens culturais e da memória legislativa nacional e a padronização da linguagem documentária da Casa, subsidiando todas as fases do processo legislativo no âmbito de suas atribuições.

4.1.1.1 Coordenação de Arquivo (COARQ)

Órgão central do Sistema de Arquivo da Câmara dos Deputados (SIARQ-CD), é responsável pela definição da política arquivística e pela gestão de documentos originais produzidos e recebidos pelas unidades da Casa. A coordenação também desenvolve e implementa ações de controle, manutenção e disponibilização dos acervos sob sua proteção. O seu acervo compreende documentos oriundos do processo legislativo e das ações administrativas que envolvem o funcionamento da Casa nas mais diversas formas de apresentação, tais como manuscritos, impressos e suportes especiais (fotografias, mapas, desenhos, gravações de áudio e vídeo e documentos eletrônicos).

Guardião da memória do legislativo, o Arquivo da Câmara dos Deputados representa uma das mais importantes fontes primárias sobre a vida política do Brasil. Retrata a atuação da Câmara dos Deputados no processo legislativo, desde a Assembléia Geral Constituinte e Legislativa do Império, em 1823 até os dias de hoje e, também, as ações administrativas que permitem o funcionamento da Casa. Oferece serviço de pesquisa e recuperação de informações, que abrangem as proposições legislativas originais, documentos da CPI, Comissões Externas, correspondência oficial e demais documentos de caráter legislativo e administrativo. Compõem o acervo arquivístico: documentos relacionados ao Processo Legislativo, documentos administrativos e documentos especiais.

Tabela 3 – Tipos de documentos do Arquivo da Câmara dos Deputados

Documentos relacionados ao Processo Legislativo	Documentos especiais	Documentos administrativos
<p>Proposições, relatórios finais das Comissões Parlamentares de Inquérito, Notas Taquigráficas de Audiências Públicas, documentação das Assembléias Constituintes etc. Não estão disponíveis para empréstimo.</p>	<p>Fotográficos:</p> <p>Fotos de parlamentares, sessões plenárias, sedes da Câmara entre outras (1900-1996). O acesso às fotografias é franqueado ao público, mediante apresentação formal de solicitação do material desejado. Para o fornecimento de cópias digitalizadas o cliente deverá trazer CD ou disquete.</p>	<p>O acesso e o empréstimo a esses documentos são exclusivos aos funcionários da Câmara, em decorrência da execução de suas atividades. A solicitação de consulta deve partir da unidade administrativa que enviou a documentação ao Arquivo da Câmara.</p>
	<p>Fílmicos:</p> <p>A Assembléia Nacional Constituinte (1987-1988), conjunto de fitas em VHS formado pelo programa "Diário da Constituinte". Para fornecimento de cópia o cliente deverá fornecer fita VHS. Disponíveis para consulta.</p>	
	<p>Sonoros:</p> <p>Disponíveis para consulta, excetuando-se o material relativo às reuniões de CPI e Sessões Secretas (1960-1997). O acervo sonoro produzido a partir de abril de 1997 deverá ser consultado em Arquivo Sonoro.</p>	

4.1.2 O Setor Fotográfico (SEFOT)

4.1.2.1 O fluxo da fotografia

A organização do Setor Fotográfico da Câmara dos Deputados apresenta um fluxo de atividades do qual outros setores da Casa participam. Primeiramente, acontece uma reunião de pauta onde um funcionário da Coordenação de Jornalismo convida membros de outras Coordenações da Câmara dos Deputados para poderem, juntos, discutir tópicos importantes que devem constar da pauta.

A partir da formalização da pauta, a Chefe da Reportagem reúne os fotógrafos e distribui entre eles o que foi pedido na reunião. Cada fotógrafo ou grupo de fotógrafos, de posse da cópia da pauta, fica responsável por retratar determinado tópico. A pauta geralmente tem vigência de uma semana, mas essa vigência não é rígida. Pode se estender por mais de uma semana ou podem ser anexados outros assuntos na pauta formalizada da semana.

Existem as pautas institucionais – aquelas requeridas para assuntos internos da Câmara dos Deputados, como por exemplo, documentar um acidente que houve com a van institucional devido a necessidade de perícia – e as pautas gerais, que são aquelas que tratam de votações e outros assuntos mais corriqueiros. Essas podem ser alteradas durante a semana.

Os fotógrafos saem para fotografar e depois descarregam os arquivos digitais das fotografias em pastas, nos computadores da Rede da Câmara dos Deputados. Essas pastas são nomeadas com o nome e sobrenome dos fotógrafos e são divididas em subpastas nomeadas com o título da pauta.

Os próprios fotógrafos já fazem uma pré-seleção e descartam fotografias com as seguintes características: repetidas, tecnicamente ruins, fora de foco, ou com pessoas de olho fechado, etc. Geralmente de 500 fotografias, são descartadas aproximadamente 300, o descarte reduz muito a quantidade das fotografias.

É interessante destacar que esse descarte é diferente do descarte bibliográfico, pois o de fotografias realmente joga fora as que não interessam e o bibliográfico geralmente tenta repassar o documento a outra instituição.

A partir daí, são usados os seguintes procedimentos com a fotografia:

Tabela 4 – Fluxo fotográfico

Tipo	Descrição
Legenda	Fotógrafos atribuem a legenda à fotografia numerando as personalidades presentes ordenadamente, da direita pra esquerda.
Data	Fotógrafos identificam a data de tomada da fotografia.
Votação no Plenário	Fotógrafos identificam a fotografia com o número do projeto de Lei.
Nome do projeto de Lei	Indexador atribui o nome informal da Lei - o que eles chamam de apelido - quando houver.
Data americana	Indexador nomeia as fotografias com data americana (ano/mês/dia) visando organização cronológica. Essa data vem seguida de <i>underline</i> (travessão, sublinhado ou traço baixo) e das iniciais do fotógrafo. Ex.: 20110215_LP
Fotos para inclusão no sistema, via intranet	Funcionário do Setor Fotográfico identifica as fotos no programa Photo Station ¹ , para inclusão na Rede Interna (Intranet).

Fonte: entrevista com funcionários da Câmara dos Deputados

Um editor seleciona, geralmente, uma ou duas fotos para figurarem na web o mais rápido possível, pois é necessário que pelo menos algumas fotos estejam online quase que imediatamente após serem tiradas.

Fotos marcadas com o carimbo “BI”, que significa Banco de Imagem, não são descartadas, pois já foram para o banco de imagens na página da Câmara dos Deputados na Internet.

Não é adotado nenhum tipo de padrão para atribuição de termos às fotografias, o que causa ausência de revocação e precisão, fazendo muitas vezes com que o interessado tente diversas vezes com diversos sinônimos para recuperar determinada fotografia.

Segundo depoimento de Reynaldo Loureiro Stavale, chefe do Setor Fotográfico da Câmara dos Deputados (SEFOT), existe a necessidade de elaboração de um dicionário onde os funcionários do setor possam escolher os

¹ Photo Station® - Disponível em: <www.photostation.org>. Acesso em: 30 out. 2011.

termos para realizar uma busca que recupere menos documentos indesejáveis e maior número de itens relevantes.

As fotografias do Setor Fotográfico da Câmara dos Deputados são divididas em:

- Acervo histórico
- Banco temático – fotos não-políticas
- Banco de imagens

As fotografias do Banco de Imagens, que podem ser encontradas no Portal da Câmara (<http://www.camara.gov.br/internet/bancoimagem/default.asp?origem=pesquisa>), além de poderem ser pesquisadas por meio de palavras-chave e/ou de um determinado período, são divididas em:

- Hoje
- Ontem
- Anteriores
- Institucionais
- Presidência

5 Análise dos dados

O questionário foi aplicado com 13 pessoas que foram previamente selecionadas, pois se tratavam de peças-chave na obtenção dos resultados pretendidos. Foram eles: a diretora geral do Centro de Documentação e Informação (CEDI), o chefe e alguns funcionários do Setor Fotográfico (SEFOT), a chefe e um funcionário do Setor de Linguagens Documentárias (SELID), o chefe e alguns funcionários do Setor de Documentos Audiovisuais (SEDAU), dois indexadores e dois fotógrafos da Casa.

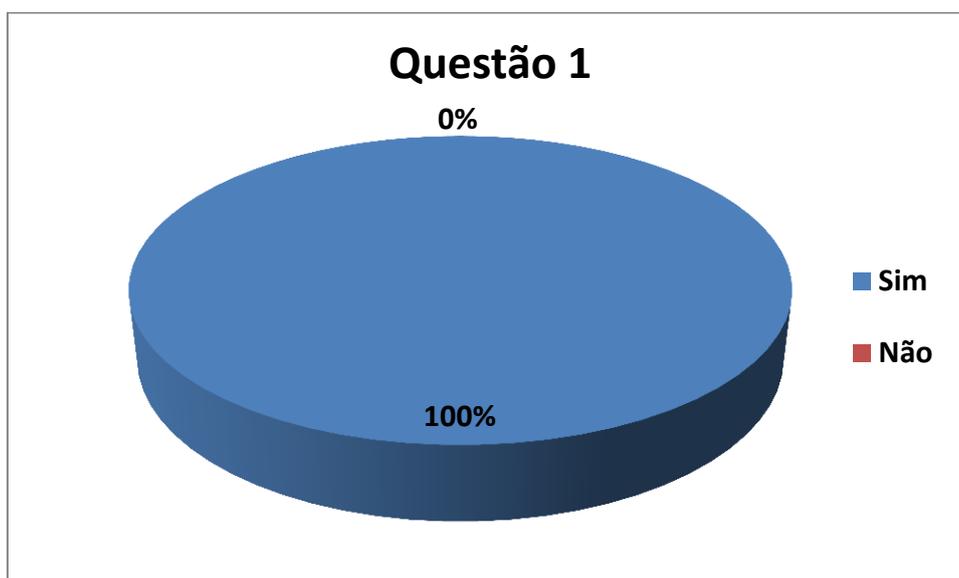
Com os dados coletados por meio dos questionários, constatou-se que os respondentes apresentaram, em grande parte das questões, uniformidade nas justificativas e houve um pensamento comum, que valoriza a fotografia como

importante meio de transmissão de informação, que deve receber tratamento diferenciado e que informações podem se perder caso não haja tratamento adequado para este tipo de documento.

Os resultados obtidos serão analisados, questão por questão, a seguir:

1. Você considera a fotografia um meio de transmissão de informação tão importante quanto um documento textual?

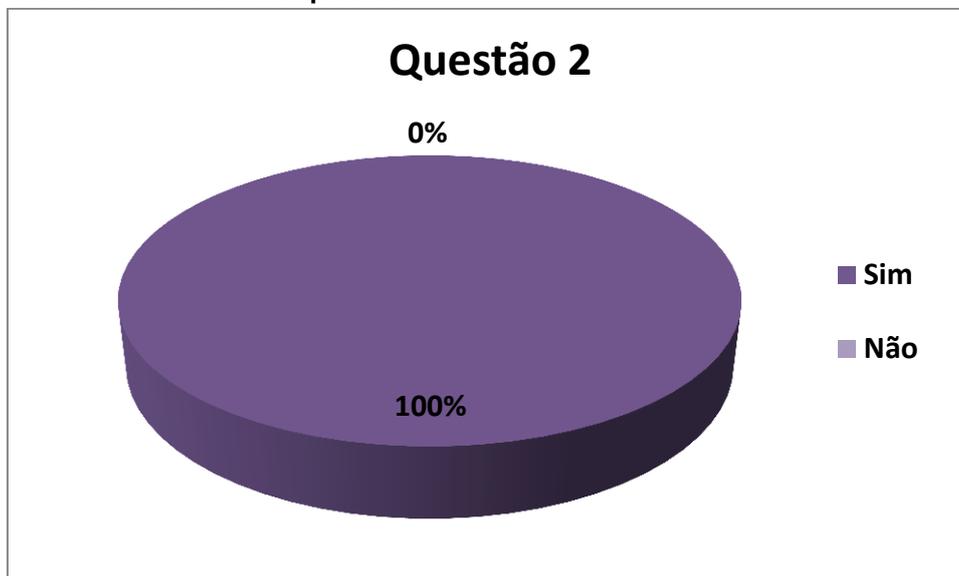
Gráfico 1 – Referente à questão 1



Todos os respondentes marcaram a opção 'Sim', evidenciando que, de fato, reconhecem a importância da fotografia e dos documentos visuais como um meio de transmissão de informação. Pode-se inferir, portanto, que como importante transmissor de informação, também é importante que o documento imagético seja tratado levando em conta suas peculiaridades, visando sempre a posterior recuperação e prosseguindo na tentativa de preservação e disseminação de fontes imagéticas. É interessante observar que todos concordaram em afirmar que a fotografia pode auxiliar na construção do conhecimento tanto quanto um texto. Alguns justificaram mencionando o imediatismo da fotografia, que fala por si só, sem a necessidade de um texto e que retrata a realidade fielmente, da forma como acontece.

2. Você acredita que a fotografia pode enriquecer o aprendizado e auxiliar na retenção de informação para o desenvolvimento cognitivo?

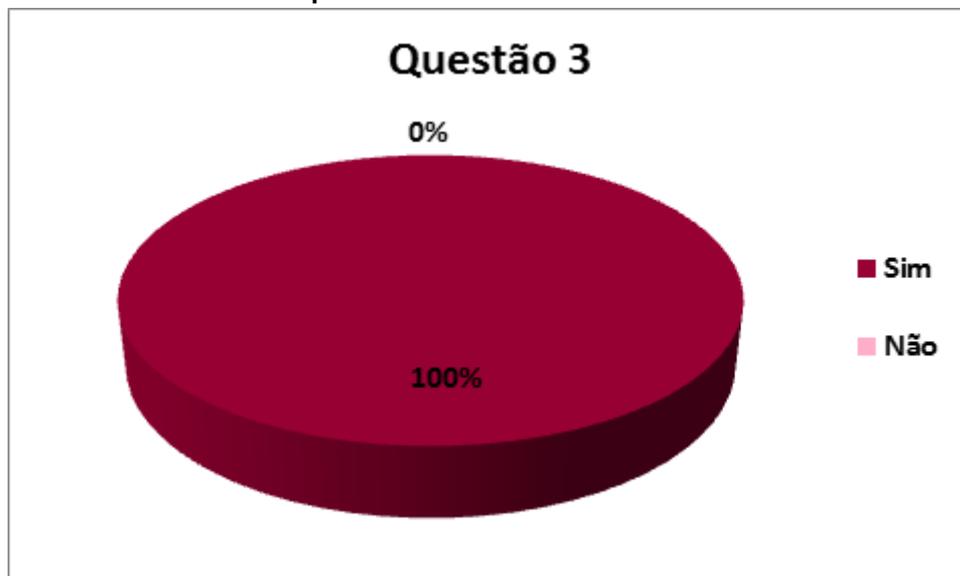
Gráfico 2 - Referente à questão 2



100% dos respondentes marcaram a opção 'Sim', demonstrando que na opinião deles a imagem é um facilitador para absorção de conteúdos e memorização através de ícones e símbolos. Percebe-se que, no universo da pesquisa, os entrevistados foram unânimes em considerar que a fotografia pode enriquecer o ensino, ilustrando fatos, acontecimentos, etc. Nas justificativas, afirmou-se que a memória visual pode ser bastante útil para o conhecimento e a fotografia facilita no reconhecimento de fatos e contextos. Afirmou-se também que "em alguns casos, a fotografia pode ser fundamental e imprescindível nesse aprendizado, como é o caso de pessoas com algum tipo de deficiência, com pouco letramento, a depender da idade do usuário, tal como pessoas jovens ou já bem idosas, cuja imagem terá valor diferente para um grupo etário ou outro; dentre outros aspectos".

3. A indexação, isto é, identificação do conteúdo, de fotografias é importante em sua opinião?

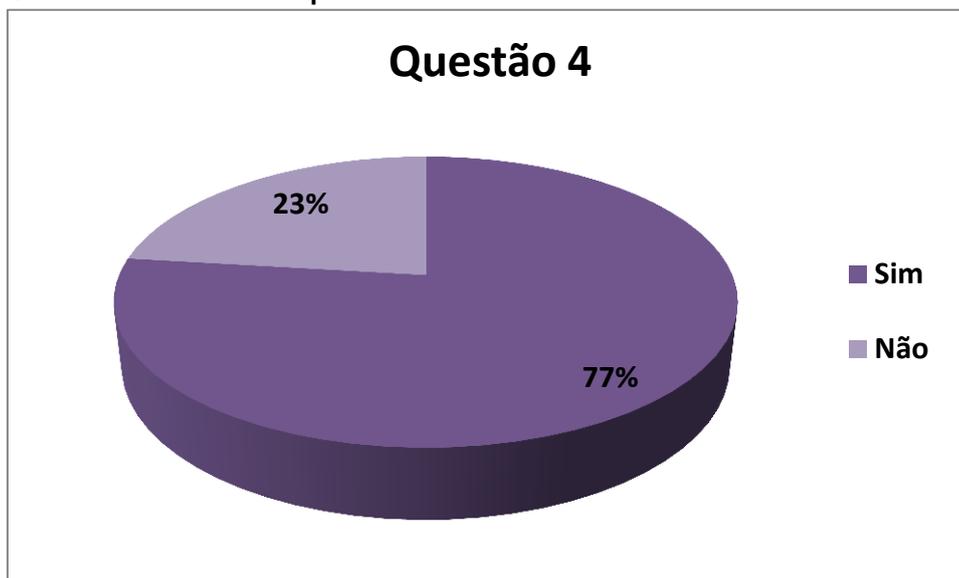
Gráfico 3 - Referente à questão 3



Novamente, todos marcaram a opção 'Sim', reconhecendo a indexação como descrição de suma importância para a recuperação. Pode-se verificar que a informação identificada e devidamente registrada agrega valor e pode se tornar documento histórico, atravessando gerações e ainda assim tendo significado ao longo do tempo. Justificou-se que a indexação de fotografias é indispensável para a busca e recuperação eficiente e eficaz. No entanto, um respondente alertou que “é necessário fazer um diagnóstico prévio a fim de avaliar qual o tipo ou nível de indexação deve ser feito nesse tipo de documento. Dentre outros aspectos, o volume de fotografias pode ser tão grande que seria impossível tratar e disponibilizar esse material no tempo razoável. Nesse caso, a indexação pode ser mais simples, feita em várias etapas ou, até mesmo, por lotes de documentos. É importante levar em conta, qualquer que seja esse tipo ou nível de indexação, a exequibilidade da atividade para atender às características do documento que são distintas de um documento textual”.

4. Você enfrenta dificuldades na busca por fotografias?

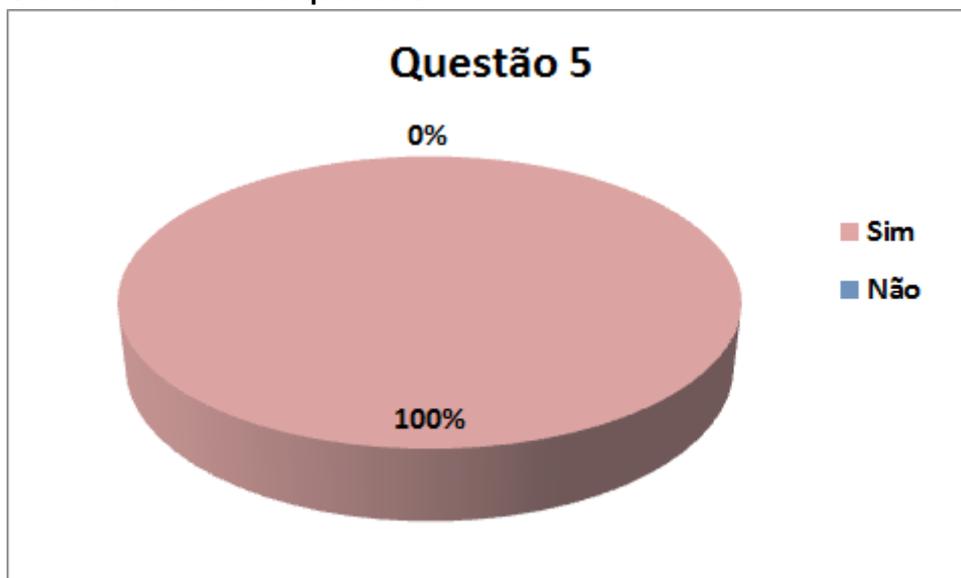
Gráfico 4 - Referente à questão 4



Nesta questão, feita com intuito de compreender o sistema de recuperação de fotografias na Câmara dos Deputados, 10 deles marcaram a opção 'Sim'. Pode-se inferir que essas dificuldades não são advindas da falta de habilidade dos entrevistados em pesquisar, mas sim advindas da escassez de investimentos em descrição de fotografias. Deste modo, pode-se afirmar que esforços devem ser empregados para aumentar a qualidade do sistema ou da indexação de fotografias. Os que marcaram a opção 'Sim', justificaram dizendo que a indexação de imagens muitas vezes apresenta falhas ou incorreções e apontaram falta de qualidade técnica na escolha das palavras-chave. Um respondente ressaltou a importância de identificar as fotos em tempo hábil, ou seja, sem demora, no momento em que forem tiradas. Outro respondente apontou para a inexistência de um vocabulário controlado, o que faz com que cada indivíduo, com sua cultura, identifique a imagem com variantes. Outras três pessoas marcaram a opção 'Não', e uma pessoa justificou afirmando que a Internet facilita muito a busca e o programa utilizado na Câmara dos Deputados é bom.

5. Você considera importante a inclusão de legendas nas fotografias?

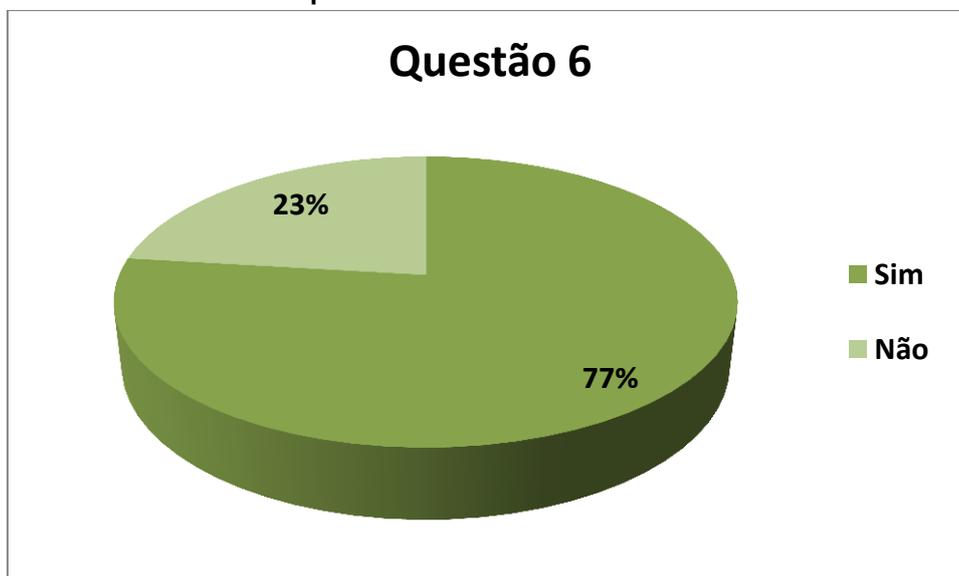
Gráfico 5 - Referente à questão 5



Os treze respondentes assinalaram a opção “Sim”, concordando que é importante a apresentação das fotografias com legendas que situem o observador no espaço, no tempo e no assunto. Apesar de uma atividade deste porte ser dispendiosa, devido ao volume de itens incluídos diariamente no sistema que armazena as fotografias da Câmara dos Deputados, todos acreditam que as legendas facilitarão a recuperação, mesmo que a legenda servisse para um grande número de itens. As legendas poderiam, por exemplo, conter dados sintetizando a pauta que requereu as fotografias. As justificativas disseram respeito às variadas interpretações que a fotografia gera e que portanto se faz necessário que haja contextualização. Um respondente alertou que a legenda é um item básico para o fotojornalismo.

6. Você acha que o SEFOT precisa de um profissional especializado para realizar a tarefa de atribuição de termos às fotografias (indexador)?

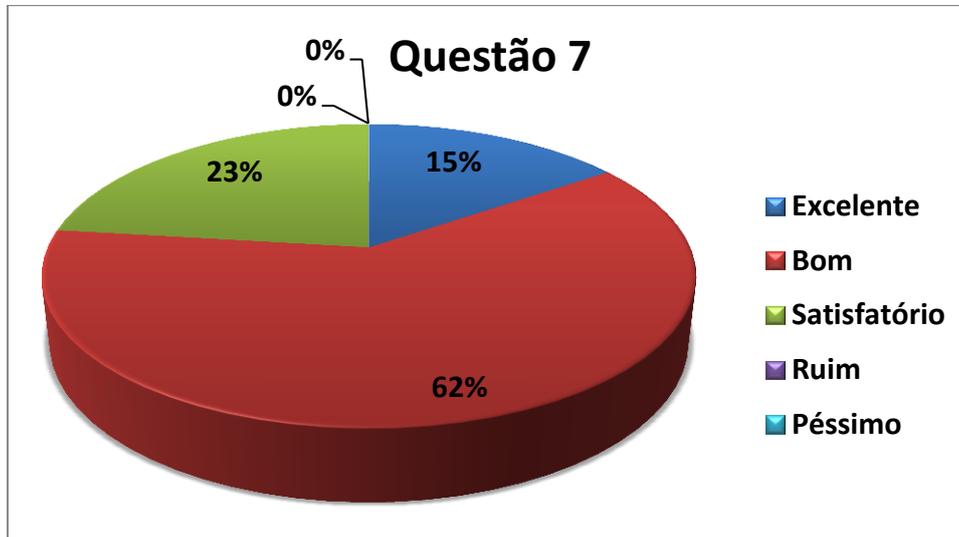
Gráfico 6 - Referente à questão 6



Dos treze respondentes, dez escolheram a opção 'Sim'. Com base nestas opiniões, pode-se inferir que a maioria dos entrevistados acredita ser importante o trabalho especializado de um indexador na atividade de atribuição de termos às fotografias. Acredita-se que o trabalho de um indexador pode trazer mais qualidade, por este vir carregado com uma bagagem de experiência e estudo constante de termos, auxiliando na escolha de palavras-chave mais adequadas. Um respondente justificou, afirmando que acredita que a indexação desse ou qualquer outro tipo de documento não necessariamente deva ser realizada exclusivamente por bibliotecários ou arquivistas. Segundo este respondente um bom profissional treinado e capacitado, ainda que de qualquer outra área, é capaz de desempenhar bem essa atividade. Apesar disso, ele acredita que esse serviço deve ser planejado e supervisionado por profissionais de informação, ainda que com o assessoramento dos próprios jornalistas e fotógrafos. Os três respondentes que não acreditam ser necessário um indexador no SEFOT justificaram dizendo que basta um treinamento com os profissionais que já trabalham no local ou justificaram que os profissionais que fazem esta atividade, o fazem bem.

7. Como você avalia o serviço geral prestado pelo Setor Fotográfico da Câmara dos Deputados?

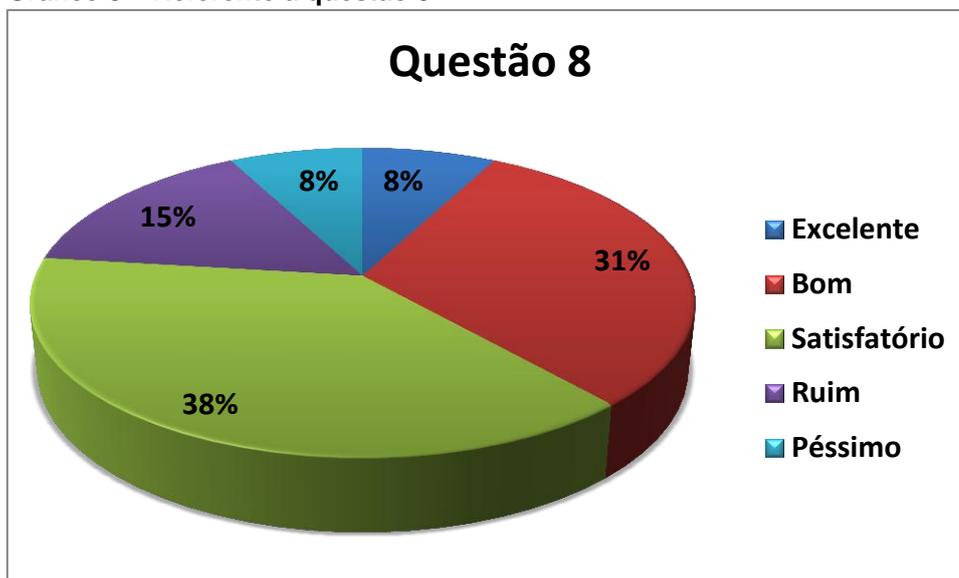
Gráfico 7 - Referente à questão 7



Segundo a maioria das respostas dos entrevistados, o serviço desempenhado pelo Setor fotográfico é considerado bom. Atende bem a demanda por fotografias e está sempre se atualizando. Porém, quanto a identificação de fotografias, ainda é necessário que haja um desenvolvimento dessa atividade no setor. Vê-se ali uma falha no processo de descrição de imagens por não haver a utilização de um vocabulário controlado que facilite a recuperação destas e que a torne mais rápida e assertiva.

8. Como você avalia a recuperação de fotografias na intranet?

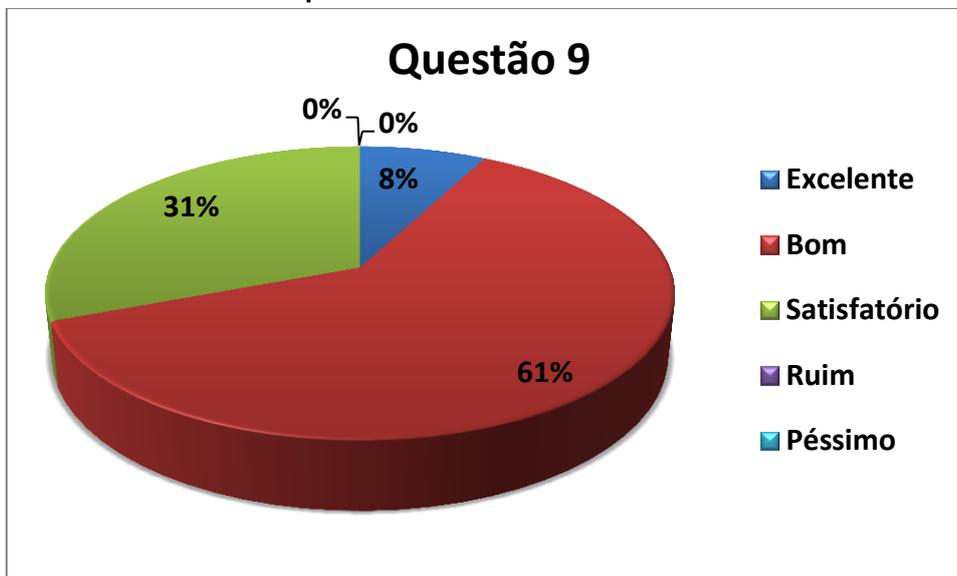
Gráfico 8 – Referente à questão 8



Diante do que a maioria dos entrevistados respondeu, a recuperação é satisfatória, pois são poucos os que conseguem lidar com a recuperação de determinada fotografia em face da grande quantidade existente, sem que haja ali uma política de indexação, com a utilização de um vocabulário controlado. Isso reflete a importância da padronização dos processos descritivos e do uso de linguagens documentárias para haver uniformização na descrição de fotografias. Nesta questão especificamente, houve mais respostas indicando um nível mais baixo de qualidade da recuperação de fotografias. A razão disso pode estar ligada a diversos fatores, como qualidade do servidor de intranet ou ruídos relacionados às palavras-chave escolhidas para busca.

9. Como você avalia a recuperação de fotografias pelo banco de imagens existente no portal da Câmara dos Deputados?

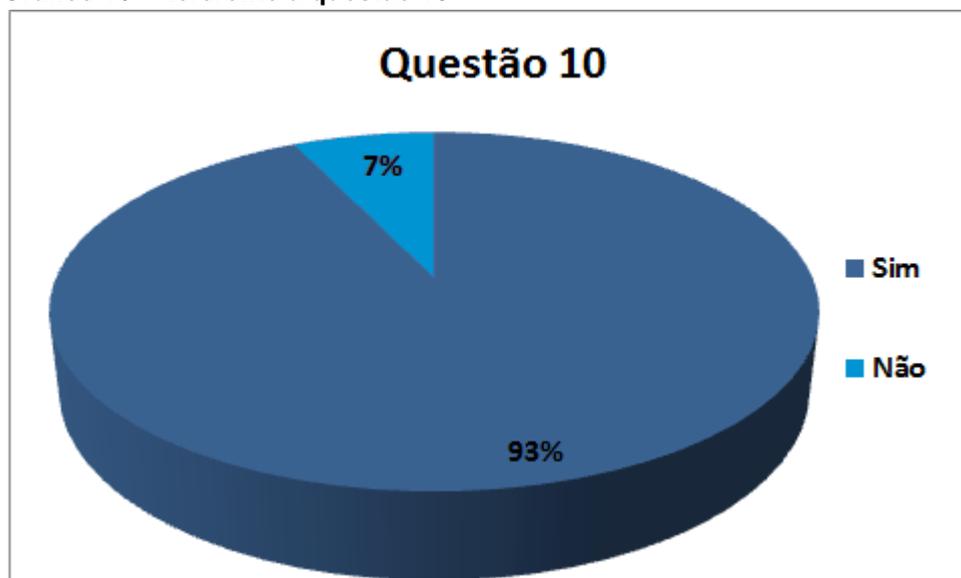
Gráfico 9 - Referente à questão 9



A maioria dos entrevistados respondeu que a recuperação de fotografias no banco de imagens do portal da Câmara é bom, pois o banco de dados tem uma grande quantidade de fotografias de diversos acontecimentos que interessam a Casa. Além disso, de acordo com a maioria dos respondentes, o banco de imagens recupera de forma eficiente as fotografias. O ponto negativo é que muitas vezes essa recuperação traz itens irrelevantes, o que demonstra falta de precisão nos resultados e ineficácia desse processo.

10. Você acredita que um vocabulário controlado, isto é, uma lista de termos padronizados de modo a evitar ambiguidade, pode contribuir para facilitar a recuperação de fotografias?

Gráfico 10 - Referente à questão 10



Dos treze que responderam o questionário, doze disseram que “Sim” e um respondeu que “Não”. O único respondente que disse “não” justificou que a recuperação depende da sensibilidade do indexador e do seu vocabulário. Diante do resultado dessa questão, vê-se a importância da utilização do vocabulário controlado no processo de descrição de imagens para que a sua recuperação seja eficiente e assertiva. Os próprios funcionários dos setores que trabalham com fotografias na Câmara, têm dificuldades no momento de recuperar documentos por não saberem, ao certo, quais palavras-chave podem ter sido utilizadas no momento em que determinado documento foi indexado.

6 CONCLUSÕES

Através da literatura revisada, dos questionários aplicados e da entrevista realizada com alguns funcionários do Setor Fotográfico (SEFOT), e do Centro de Documentação e Informação (CEDI), que abrange biblioteca e arquivo, os objetivos propostos foram atingidos. Diante de cada mecanismo utilizado, verificou-se a congruência entre as idéias expressas na literatura especializada e a opinião dos funcionários entrevistados a respeito da importância da imagem na transmissão de uma idéia ou pensamento e da utilização desta como forma de persuadir o espectador. Constatou-se, com base nas entrevistas informais com os funcionários do SEFOT, um grande interesse por parte destes na busca por imagens no setor, pelo fato de a fotografia representar e ilustrar informações e fatos importantes ocorridos nas sessões plenárias da Casa.

O primeiro objetivo específico foi alcançado com sucesso, pois a literatura especializada mostrou que a imagem não é eficaz apenas como documento histórico, mas também na comunicação de fatos, na publicidade como forma de persuadir o espectador e no processo de ensino-aprendizado. Verificou-se a forma como a utilização imagética auxilia na memorização de conteúdos, facilitando a organização de idéias através do armazenamento de símbolos e ícones.

O segundo objetivo específico foi atingido, identificando-se todas as etapas do fluxo da fotografia, desde a formalização da pauta para definir o assunto do dia até o momento em que a fotografia chega na Seção de Documentos Audiovisuais (SEDAU) para ser armazenada e preservada.

O objetivo de compreensão do sistema de descrição de imagens utilizado no SEFOT foi atingido através de entrevistas e conversas informais com alguns funcionários dos setores de fotografia e arquivo.

Alguns funcionários específicos da Câmara dos Deputados foram selecionados para responder o questionário. Os selecionados foram pessoas-chave, cuja opinião é importante já que detém conhecimento e experiência no assunto tratado neste estudo. Foram eles: a Diretora do CEDI, o chefe e alguns funcionários do SEDAU, o Chefe e alguns funcionários do SEFOT, dois fotógrafos e a chefe e um

funcionário do Setor de Linguagens Documentárias – SELID, totalizando 13 questionários respondidos.

No que se refere à descrição de imagens, verificou-se que os processos realizados nos setores que indexam as imagens (SEFOT e SEDA), na Câmara dos Deputados, não seguem os ditames que a literatura especializada sugere. A Câmara possui um acervo muito grande de fotografias e para melhor gerenciar esse enorme acervo, o ideal seria que fosse utilizado um vocabulário controlado. O uso de uma linguagem controlada, ou seja, de um conjunto limitado de termos autorizados para uso na indexação e busca de documentos facilitaria a busca por documentos imagéticos e traria benefícios no que se refere à padronização de termos para representar os documentos fotográficos.

O Tesouro da Câmara dos Deputados – TECAD já foi implantado e a Casa conta, inclusive, com uma seção especializada – a Seção de Linguagens Documentárias, SELID - para tratar diariamente dos termos desse tesouro, valendo-se das terminologias de áreas das Ciências Sociais, com ênfase em Direito, Ciência Política, Economia e Administração Pública. O TECAD tem por objetivo ser empregado no controle dos termos utilizados na geração de metadados, referentes a informações registradas nos repositórios daquela Casa Legislativa.

Porém, constatou-se que o Tesouro não tem sido utilizado em diversos setores onde poderia ser um instrumento de organização e posterior recuperação de informação no sistema analisado. Segundo entrevistas com funcionários, a não utilização do TECAD se deve à inexistência de uma ordem dos superiores hierárquicos, o que acaba gerando ausência de padronização nos processos descritivos dos documentos que constituem o sistema de armazenamento de fotografias do SEFOT.

Portanto, ao analisar comparativamente o processo de descrição fotográfica – com base nas entrevistas e nos questionários aplicados – com a literatura especializada, verificou-se que esses processos não estão de acordo com a padronização indicada na literatura especializada. Apesar de o CEDI ser considerado um centro de excelência em todo o país, ainda encontram-se deficiências que deverão ser corrigidas e certamente contribuirão para o melhor

desempenho na prestação de serviços para usuários em nível nacional e internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Gustavo Cunha de; COSTA, Maurício Alves da; COSTA, Evânio Bezerra da. As histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de um recurso didático-pedagógico. **A Margem**, Minas Gerais, ano 1, n. 2, p. 26-36, jul./dez. 2008.

Disponível em:

<<http://www.mel.ileel.ufu.br/pet/amargem/amargem2/estudos/MARGEM1-E31.pdf>>.

Acesso em: 4 ago. 2010.

BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos da. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, 2007, v.12, n.2. Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000200011> Acesso em: 30 jun. 2010.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Mitos e lendas da informação: o texto, o hipertexto e o conhecimento. **Ciência da Informação**, 2007, v.8, n.1. Disponível em:

<<http://aldoibct.bighost.com.br/MitosLendas.pdf>>. Acesso em: 10 junho 2010.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CALDAS, Luiz Carlos Agner; COELHO, Luis Antonio; SILVA, Fabio Luiz Carneiro Mourilhe. **Informação e Imagem**: Uma aproximação das relações entre imagem e informação no Design, a partir do aporte da Ciência da Informação e da tipografia das Histórias em Quadrinhos. Rio de Janeiro, jul. 2006. Disponível em:

<<http://www.users.rdc.puc-rio.br/imago/site/semiotica/producao/agner-final.pdf>>.

Acesso em: 30 maio 2010.

COSTA, Robson Santos; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. A construção de sentido na informação das histórias em quadrinhos. **Ciência da Informação**, v.10, n.2, abr. 2009. Disponível em: <http://dgz.org.br/abr09/Art_01.htm>. Acesso em: 13 junho 2010.

CRESPO, Isabel Merlo; CAREGNATO, Sônia Elisa. Busca de informação: uma comparação de dois modelos. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 271-281, jul./dez. 2003. Disponível em:

<http://www6.ufrgs.br/emquestao/pdf_2003_v9_n2/EmQuestaoV9_N2_2003_art02.pdf> Acesso em: 30 jun. 2010

CRESPO, Isabel Merlo; CAREGNATO, Sônia Elisa. Padrões de comportamento de busca e uso de informação por pesquisadores de biologia molecular e biotecnologia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 30-38, set./dez. 2006. Disponível em:

<<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/784>>. Acesso em: 30 jun. 2010.

DIAS, Inês Duque. A Interpretação e descrição do conteúdo dos documentos imagéticos: uma perspectiva arquivística à luz do novo paradigma científico e

informacional. **Paralelo 33**: magazine de idéias, cultura e lazer. Funchal (Portugal), 2010. Disponível em:
<http://www.paralelo33.com/index.php?option=com_content&view=article&id=403%3Aa-interpretacao-e-descricao-do-conteudo-dos-documentos-imageticos&Itemid=77>.
Acesso em: 30 jun. 2010.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo, 2003. Disponível em:
<<http://www.scribd.com/doc/7772959/Sintaxe-Da-Linguagem-Visual-Donis-A-Dondis-72dpi>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

EISNER, W. Literatura popular e imagens. **Superinteressante**, São Paulo, ano 11, n9, set. 1989, 1997.

BRIGIDI, Fabiana Hennies. **Fotografia**: uma fonte de informação. Porto Alegre: 2009. Disponível em:
<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18712/000717631.pdf?sequence=1>>

FREIRE, Isa Maria; ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. **Consciência possível e informação**: as formas de comunicação da ciência. Rio de Janeiro, 1994, p.151-166. Disponível em:
<<http://www.isafreire.pro.br/isafreireteseapendice2.pdf>>. Acesso em: 20 jun 2010.

FREITAS FILHO, João Rufino de. (2007). Mapas conceituais: estratégia pedagógica para construção de conceitos na disciplina química orgânica. **Ciências & Cognição**, Ano 04, Vol 12., Nov. 2007. Disponível em:
<<http://crispassinato.wordpress.com/2008/06/04/mapas-conceituais-estrategia-pedagogica-para-construcao-de-conceitos-na-disciplina-quimica-organica/>> Acesso em: 26 nov 2011.

FUJITA, M. S. A leitura do indexador: estudo de observação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte: 1999 v. 4, n. 1, p. 101-116. Disponível em:
<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/597/366>> Acesso em: 09 dez. 2011

GUIMARÃES, Edgard. O Aprendizado da Linguagem da História em Quadrinhos. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 28., 2005, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0860-1.pdf>> Acesso em: 15 maio 2011.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa, Ed. 70, 1994. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/16343510/Introducao-a-Analise-da-Imagem-Martine-Joly>>. Acesso em: 03 ago. 2010.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. Brasília: Bricquet de Lemos, 2004. 452 p.

LE COADIC, Yves François. **A Ciência da Informação**. Tradução de Maria Yeda F.

S. de Figueiredo Gomes. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996.

LOPES, Ana Elisabete. **Comunicando por imagens**: entre o prazer e a percepção estética. Disponível em:

<http://www.diaadia.pr.gov.br/det/arquivos/File/GRUPO_DE_ESTUDOS/2010/EJA-GE3-Texto-A-visao.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2010.

LOPES, André Camargo. Por trás da imagem, o olhar: o uso da fotografia em estudos culturais. **Domínios da Imagem**, Londrina, n. 6, p. 53-66, maio 2010. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/view/86/53>>
> Acesso em: 12 set. 2010.

LOPES, Ilza Leite. Diretrizes para uma política de indexação de fotografias. In: SIMEÃO, Antonio Miranda; SIMEÃO, Elmira (Org.). **Alfabetização digital e acesso ao conhecimento**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2006. p. 199-213.

LOPEZ, André Porto Ancona; BORGES, Leandro de Melo. Uma visão arquivística sobre os documentos fotográficos referentes ao Decanato de Ensino de Graduação presentes no acervo do Centro de Documentação da Universidade de Brasília.

Ciência da Informação, Brasília, v. 38, n.3, set./dez. 2009. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652009000300011>>. Acesso em: 05 ago. 2010.

MAIMONE, Giovana Deliberali; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Tratamento informacional de imagens artístico-pictóricas no contexto da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.9, n.2, abr. 2008. Disponível em:

<http://www.dgz.org.br/abr08/Art_02.htm>. Acesso em: 30 maio 2010.

MANINI, Miriam Paula. A dimensão expressiva na indexação de documentos fotográficos. In: UEL. (Org.). **Anais do I Encontro Nacional de Estudos da Imagem**. 1. ed. Londrina/PR: UEL, 2007, v. 1. Disponível em:

<http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/1012/1/EVENTO_DimensaoExpressivaIndexacao.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2010.

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. Tese (Doutorado). São Paulo: 2002. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/>>. Acesso em: 15 out. 2011.

MANINI, Miriam Paula. Análise documentária de fotografias: leitura de imagens incluindo sua dimensão expressiva. **Cenário Arquivístico**, Brasília/DF, v. 3, n. 1, p. 16-28, 2004. Disponível em:

<http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/946/1/ARTIGO_AnaliseDocumentariaFotografia.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2010.

MANINI, Miriam Paula. **Aspectos informacionais do tratamento de documentos Fotográficos tradicionais e digitais**. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). Brasília, 2009. Disponível em:

<<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/handle/123456789/430>> Acesso em: 13 ago. 2011.

MENEZES, Aline de. **O poder da imagem**: um olhar sobre a percepção e produção imagística humana e suas possibilidades. [S.l., s.d.] Disponível em: <http://www.deiserossi.pro.br/disciplinas/Teorialmagem/o_poder_da_imagem.doc>. Acesso em: 03 ago. 2010.

NEPOMUCENO, Terezinha. **Sob a ótica dos quadrinhos**: uma proposta textual-discursiva para o gênero tira. 2005. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Lingüística, Uberlândia.

NETTO, Carlos Xavier de Azevedo; FREIRE, Bernardina Maria Juvenal; PEREIRA, Perpétua. A representação de imagens no acervo da Biblioteca Digital Paulo Freire: proposta e percursos. **Ciência da Informação**. Brasília, 2004, v. 33, n. 3, pp. 17-25. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652004000300003>. Acesso em: 05 ago. 2010.

NOVAK, Joseph D.; CAÑAS, Alberto J.. A teoria subjacente aos mapas conceituais e como elaborá-los e usá-los. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v.5, n.1, p. 9-29, jan.-jun. 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/56652169/Novak-Teoria-subjacente-aos-mapas-conceituais-e-como-elabora-los-e-usa-los>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

PAIVIO, Allan. Dual coding theory: Retrospect and current status. **Canadian Journal of Psychology/Revue canadienne de psychologie**, Canadá, vol 45, Sep 1991, p. 255-287.

PALHARES, Marjory Cristiane. **História em Quadrinhos**: Uma Ferramenta Pedagógica para o Ensino de História. Paraná: 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2262-8.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2010.

PETER, Jorge. **Cadernos do mestre Peter**. Um curso de fotografia na sua essência. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

PETERMANN, Juliana. Imagens na publicidade: significações e persuasão. **UNirevista**, Vol. 1, n.3, 2006. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Linguagem%20Visual/imagens_na_publicidade_siginificacoes_e_persUasao.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2010.

PINTO, Virginia Bentes. A contribuição Peirciana para a representação indexal de imagens visuais. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n. 25, 2008a. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1153/878>>. Acesso em: 04 ago. 2010.

PINTO, Virginia Bentes. Indexação morfossemântica de imagens no contexto da saúde visando à recuperação de informações. **Hist. ciênc. Saúde-Manguinhos** [online]. v.15, n. 2, p. 313-330, 2008b. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2—053.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2010.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 36, p. 67-76, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/1006>>. Acesso em: 09 jun. 2010.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. **Análise e tematização da imagem fotográfica para a comunicação da informação imagética**. Brasília. Tese de doutorado em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2010.

SANTOS, Aparecida Ribeiro dos; SILVA, José Elias da. **A importância das histórias em quadrinhos como veículo de informação e entretenimento: a nova SIPAT**. Um estudo de caso. Disponível em: <http://www.projedoradix.com.br/arq_artigo/V_11.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2011.

SMIT, J. W. . A representação da imagem. **Informare** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 28-36, 1996. Disponível em: <<http://ibict.phlnet.com.br/anexos/smitv2n2.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2012.

SOUZA, Tania C. Clemente de. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Ciberlegenda**, Número 6, 2001.

TAVARES, Romero. Construindo mapas conceituais. **Ciências e Cognição**, vol.12, 2007. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v12/m347187.pdf>> Acesso em: 4 ago. 2011

APÊNDICE A



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Ciência da Informação – FCI
Curso de Graduação em Biblioteconomia
Trabalho de Conclusão de Curso

Questionário das alunas Isabel Regina Barbalho Gonçalves e Juliana de Assis Mendes, graduandas em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília para o Trabalho de Conclusão de Curso. Esse questionário tem por objetivo avaliar as políticas de indexação de fotografias da Câmara dos Deputados, os serviços oferecidos pelo Setor Fotográfico e a importância da fotografia como meio de transmissão de informação.

Salientamos que os dados obtidos através do questionário serão utilizados apenas para elaboração do TCC, não havendo qualquer divulgação e nem identificação dos respondentes.

Logo, pedimos encarecidamente que preencha o questionário anexo e nos envie dentro do prazo de três dias úteis para que não atrase o desenvolvimento do trabalho.

Caso queira comprovar a veracidade desta pesquisa o(a) senhor(a) poderá contatar a nossa orientadora, professora Ilza Leite Lopes pelo e-mail ilzall@unb.br ou pelos telefones (61) 3427-3406 ou 9982-3264.

Desde já, gratas pela colaboração.

Isabel Regina B. Gonçalves	belinha_123@hotmail.com	(61) 9249 8482
Juliana de Assis Mendes	juu.mendes13@gmail.com	(61) 8487 3924

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO

1. Você considera a fotografia um meio de transmissão de informação tão importante quanto um documento textual?

Sim

Não

Justifique, se necessário.

_____.

2. Você acredita que a fotografia pode enriquecer o aprendizado e auxiliar na retenção de informação para o desenvolvimento cognitivo?

Sim

Não

Justifique, se necessário.

_____.

3. A indexação, isto é, identificação do conteúdo, de fotografias é importante em sua opinião?

Sim

Não

Justifique, se necessário.

_____.

4. Você enfrenta dificuldades na busca por fotografias?

Sim

Não

Justifique, se necessário.

_____.

5. Você considera importante a inclusão de legendas nas fotografias do SEFOT?

Sim

Não

Justifique, se necessário.

_____.

6. Você acha que o Sefot precisa de um bibliotecário ou arquivista para realizar a tarefa de atribuição de termos às fotografias?

Sim

Não

Justifique, se necessário.

7. Como você avalia o serviço geral prestado pelo Setor Fotográfico da Câmara dos Deputados?

Excelente

Bom

Satisfatório

Ruim

Péssimo

8. Como você avalia a recuperação de fotografias na intranet?

Excelente

Bom

Satisfatório

Ruim

Péssimo

9. Como você avalia a recuperação de fotografias pelo banco de imagens existente no portal da Câmara dos Deputados?

Excelente

Bom

Satisfatório

Ruim

Péssimo

10. Você acredita que um vocabulário controlado, isto é, uma lista de termos padronizados de modo a evitar ambiguidade e aumentar a precisão, pode contribuir para facilitar a recuperação de fotografias?

Sim

Não

Justifique, se necessário.
